

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

RAFFAEL VICTOR BATISTA NEVES

**A FORMAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA PESSOA HUMANA SOB A PERSPECTIVA
DO PERSONALISMO DE EMMANUEL MOUNIER**

Anápolis
2020

RAFFAEL VICTOR BATISTA NEVES

**A FORMAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA PESSOA HUMANA SOB A PERSPECTIVA
DO PERSONALISMO DE EMMANUEL MOUNIER**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Licenciatura Plena em Filosofia da Faculdade Católica de Anápolis como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof^o. Ms. Tobias Dias Goulão e a coorientação da Prof^a. Ir. Delma Mesquita, rc.

Anápolis
2020



*Dedico este trabalho aos meus preciosos pais,
Joselito Batista e Digma Neves, por ter me
chamado a vida, e a cada pessoa humana por ter
sido a inspiração para a realização deste
trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, por ser o sustento da minha existência, preenchendo-a com o seu infinito amor e com a sua eterna misericórdia. Ao meu Senhor Jesus, que se encarnou neste mundo e nos trouxe a salvação, e se fez pessoa para mostrar a preciosidade e a magnitude de ser pessoa. À virgem Maria, por sempre me acolher em seus braços maternais nos momentos de dores e aflições;

Aos meus queridos pais, Joselito Batista e Digma Neves, aos meus queridos irmãos, Gesiane Neves e Marcos Vinícius, por todo amor e carinho e por me dar toda força na caminhada com Cristo;

À Prof^a. Ir. Delma Mesquita, pela disponibilidade em me orientar e me ajudar na elaboração deste trabalho;

Ao Padre Mário Correia, pela sincera amizade e o incentivo ao estudo filosófico;

À Diocese de Barreiras e a Dom Josafá Menezes da Silva, pela acolhida, o apoio e a confiança;

Aos meus irmãos de diocese, por se tornar uma família para mim no seminário e me ajudar na caminhada vocacional;

Ao Seminário Interdiocesano São João Maria Vianney, pela fraternidade e colaboração no processo formativo;

Ao professor João Lourenço, pelas profundas aulas de filosofia política e também por aceitar o pedido de ser leitor desse trabalho;

Ao Instituto Santa Cruz, por ter me oferecido um ensino de qualidade e por ter me instigado ao estudo acadêmico.

*Acima das pessoas já não reina a tirania abstrata
dum destino, duma constelação de ideias ou dum
pensamento impessoal, indiferentes a destinos
individuais, mas um Deus que é ele próprio
pessoal, embora dum modo eminente, um Deus
que «entregou a sua pessoa» para assumir e
transfigurar a condição humana, e que propõe a
cada pessoa uma relação única em intimidade,
uma participação na sua divindade.*

Emmanuel Mounier

RESUMO

O tema sobre a pessoa humana foi palco de muitas reflexões e de muitos debates no campo filosófico. Ele ganhou mais espaço com os grandes acontecimentos do século XX, que em meio à crise política, econômica, moral e social possibilitou o surgimento de guerras mundiais, de algumas correntes ideológicas e de regimes totalitários. Estas tendiam a olhar para pessoa humana como um simples objeto ou como massa de manobra política e social. A busca de um resgate da pessoa humana em sua inteireza e a afirmação do seu valor e da sua sacralidade vai ser a principal meta da filosofia personalista do filósofo francês Emmanuel Mounier. O personalismo apresenta a formação da pessoa humana em três dimensões: vocação, encarnação e comunhão. Assim, para Emmanuel Mounier, a formação da pessoa humana não é algo dado, acabado e concluído, mas é construído e moldado pela própria pessoa, pelo meio em que ela vive, pelos conflitos interiores e exteriores, pela relação com o outro e principalmente pelo conhecimento de si mesma, num processo de interioridade. Neste trabalho iremos apresentar uma proposta de formação e construção da pessoa humana sob os aspectos da antropologia filosófica do personalismo de Emmanuel Mounier, que tem como alicerce principal as três dimensões da pessoa humana.

Palavras-chave: Emmanuel Mounier; Personalismo; Pessoa Humana; Formação; Comunidade.

RÉSUMÉ

Le thème de la personne humaine a été le théâtre de nombreuses réflexions et de nombreux débats dans le domaine philosophique. Elle a pris plus de place avec les grands événements du XXe siècle qui, au milieu de la crise politique, économique, morale et sociale, ont rendu possible l'apparition de guerres mondiales, de certains courants idéologiques et de régimes totalitaires. Ces idéologies considéraient la personne humaine comme un simple objet ou comme une masse de manœuvres politiques et sociales. La recherche du sauvetage de la personne humaine et de l'affirmation de sa valeur et de son caractère sacré sera l'objectif principal de la philosophie personaliste du philosophe français Emmanuel Mounier. Le personalisme présente la formation de la personne humaine dans trois dimensions: vocation, incarnation et communion. Ainsi, pour Emmanuel Mounier, la formation de la personne humaine n'est pas quelque chose de donné, achevé et conclu, mais elle est construite et façonnée par la personne elle-même, par le milieu dans lequel elle vit, par les conflits internes et externes, par le rapport à l'autre, par la connaissance d'elle-même, dans un processus d'intériorité. Dans ce travail, nous présentons une proposition de formation et de construction de la personne humaine sous les aspects de l'anthropologie philosophique du personalisme d'Emmanuel Mounier, dont le fondement principal est les trois dimensions de la personne humaine.

Mots-clés: Emmanuel Mounier; Personalisme; Personne Humaine; Formation; Communauté.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 A FILOSOFIA PERSONALISTA DE EMMANUEL MOUNIER..... | 12 |
| 1.1 Emmanuel Mounier: Contexto histórico, vida e o movimento “ <i>Esprit</i> ” | 12 |
| 1.2 O surgimento da filosofia personalista mounieriana..... | 15 |
| 1.3 A definição de pessoa humana para o personalismo mounieriano | 17 |
| 1.4 A existência humana como o ponto de partida do personalismo | 19 |
| 1.5 O personalismo comunitário contra as correntes individualistas | 20 |
| 2 A FORMAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA PESSOA HUMANA: ASPECTOS DE UMA ANTROPOLOGIA PERSONALISTA | 29 |
| 2.1 As três dimensões da pessoa humana | 30 |
| 2.1.1 A vocação | 30 |
| 2.1.2 A encarnação | 32 |
| 2.1.3 A comunhão ou comunicação..... | 35 |
| 2.2 A construção da pessoa humana | 37 |
| 2.2.1 A liberdade como caminho para a construção da pessoa humana..... | 38 |
| 3 A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA PERSONALISTA DE EMMANUEL MOUNIER | 42 |
| 3.1 A educação personalista..... | 42 |
| 3.2 A ética personalista: uma ética comunitária | 44 |
| 3.3 A ação personalista: Tendências de despersonalização e de personalização | 47 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 50 |
| REFERÊNCIAS | 52 |

INTRODUÇÃO

Ancorado sobre duas bases: o pensamento e a ação, e tendo-as, como colunas da sua filosofia, a Filosofia Personalista do filósofo francês Emmanuel Mounier teve como ponto de partida o contato com a existência humana, e por que não dizer, o contato com a realidade bela, admirável e misteriosa, mas ao mesmo tempo, sofrida, fragmentada e miserável em que se encontrava o homem contemporâneo. Assim, foi partindo das inquietações, das indagações filosóficas e na tentativa de responder sobre quem ou o que é o homem que Mounier lançou as bases de uma antropologia filosófica de cunho personalista, fundada no estudo da pessoa humana.

A partir da existência humana, o personalismo mounieriano teve certa influência e intrínseca ligação com o existencialismo (doutrina filosófica surgida no século XIX, que discute temas como a liberdade, o sentido do ser, a responsabilidade e a angústia), e foi com seu auxílio que ele buscou discutir temas relacionados à pessoa humana, que por sua vez, possibilitou resgatar o sentido da vida que havia perdido pelos grandes acontecimentos da sua época, como a segunda guerra mundial, os regimes totalitários, a crise moral, econômica e o surgimento do individualismo que se alastrava na sociedade ocidental. Dessa maneira, é importante ressaltar que o personalismo de Emmanuel Mounier está unido ao existencialismo cristão, (por ver no homem um ser imanente e transcendente, um ser integral, capaz de amar e transformar a realidade em que vive) o que não restringiu o seu pensamento filosófico, mas o levou a dialogar com todos os pensamentos.

Nota-se que o personalismo mounieriano nasce dentro de um contexto de caos e fragmentação da pessoa humana, quando o homem já não tinha mais condição de dizer quem ele era, qual era sua missão, qual era o seu papel no mundo, ou melhor, tinha se esquecido e perdido o sentido de ser quem ele é: uma pessoa. Termo muito caro para o personalismo, que extraíndo este conceito da filosofia medieval, principalmente de Agostinho, Boécio e Tomás de Aquino vai adotar para sua filosofia para chamar o ser (o homem) de pessoa humana. Segundo Mounier, este seria o melhor termo para chamá-lo e compreendê-lo. Neste sentido, o personalismo mounieriano buscou analisar a pessoa humana em todas as suas dimensões e em todos os seus aspectos, excluindo uma visão de objetificação e massificação da pessoa, para enxergá-la em sua singularidade e unicidade, para assim poder conhecer e dizer algo sobre este mistério que ela é.

O personalismo buscou compreender a pessoa humana dentro de três dimensões: a vocação, a encarnação e a comunhão, ou também como podemos chamar de comunicação, dessa forma, Mounier percebeu um caminho para a formação da pessoa humana que é construída no dia a dia da sua existência, a partir das relações com as outras pessoas, do meio em que está inserida, das escolhas e dos afrontamentos com a realidade, na sua liberdade que é assumida no cotidiano da vida, gerando um compromisso. Dentro desse processo de formação e construção da pessoa humana o outro tem um papel importante na filosofia personalista pois, segundo Mounier, é por meio do outro que eu aprendo a ser pessoa; ele não me impede de ser, mas me ajuda a ser pessoa. Assim, o aspecto comunitário, ganha um espaço privilegiado na filosofia personalista mounieriana, pois é por meio dela que a pessoa humana é vista na sua totalidade, que os mais profundos valores são resguardados, como o altruísmo, o amor, a dignidade, o respeito, a solidariedade, a confiança, a responsabilidade e é na comunidade que o caráter da pessoa é construído, formado e moldado, buscando afastar o principal inimigo do personalismo: o individualismo.

O nosso objetivo neste trabalho não é fazer um estudo epistemológico da palavra pessoa, nem fazer uma definição profunda, mas, sobretudo, apresentar a visão antropológica mounieriana sobre a formação e a construção da pessoa humana. Portanto, se faz necessário ressaltar que o personalismo mounieriano não está preocupado em definir conceitos ou criar sistemas, visto ser o próprio Mounier avesso às questões postas em termos de sistemas, mas, sobretudo criar uma filosofia do pensamento, do engajamento e principalmente da ação.

Em vista disso, dividimos o trabalho em três capítulos, para assim fazer um itinerário com o leitor. No primeiro capítulo iremos apresentar a vida e o contexto histórico em que nasceu o pensamento de Emmanuel Mounier, não que seja necessariamente preciso começar pela sua vida, mas, no caso de alguns filósofos como de Mounier se torna incoerente falar do seu pensamento filosófico sem antes retomar a sua vida, pois ela tornou-se um ponto de partida, ou melhor, um reflexo para a sua filosofia. No segundo capítulo, veremos a antropologia personalista de Emmanuel Mounier, os pontos fundamentais abordados pelo filósofo sobre a formação e a construção da pessoa humana, que por sua vez, se fundamenta nas dimensões da pessoa humana: vocação, encarnação e comunhão ou comunicação. No terceiro capítulo, iremos apresentar as contribuições da filosofia personalista, que possibilitou a criação de uma ética e uma educação mais humana, portanto, personalista.

1 A FILOSOFIA PERSONALISTA DE EMMANUEL MOUNIER

*A vida não é um problema a ser resolvido, mas, um
mistério a ser vivido.*
Gabriel Marcel

O tema sobre a pessoa humana foi palco de muitas reflexões e de muitos debates no campo filosófico. Ele ganhou mais espaço com os grandes acontecimentos do século XX, que em meio à crise política, econômica, moral e social possibilitou o surgimento de algumas correntes ideológicas, de regimes totalitários e principalmente da segunda guerra mundial. Estas tendiam a olhar para pessoa humana como um simples objeto ou como massa de manobra política e social. A busca de um resgate da pessoa humana em sua inteireza vai ser a principal meta da filosofia personalista do filósofo francês Emmanuel Mounier. Ao definir o homem como pessoa, Mounier quis dar a ele um caráter integral, ou seja, um ser dotado de corpo e alma. Neste sentido, quis elevar a pessoa humana em sua totalidade, mostrando que ela é capaz de conhecer, de decidir e de se responsabilizar. Com isso, o personalismo quis dar à pessoa humana um caráter autêntico, afirmando o valor absoluto de cada pessoa; um ser único, singular, insubstituível, inalienável, que não poderá ser tratado como um meio por uma coletividade, ou ser massificado por uma ideologia. Por esse viés é na comunidade que os mais profundos valores como o amor, o altruísmo, a dignidade, o respeito, a solidariedade, a confiança e a responsabilidade são resguardados. É na comunidade que o caráter da pessoa é construído, formado e moldado. Dessa forma, o aspecto comunitário marca a filosofia personalista mounieriana sendo, portanto, impossível falar de personalismo sem manifestar o aspecto comunitário. À luz do pensamento de Emmanuel Mounier, iremos percorrer o trilha da sua filosofia personalista, que foi antes de tudo, fruto da sua vivência.

1.1 Emmanuel Mounier: Contexto histórico, vida e o movimento “*Esprit*”

Em seu itinerário filosófico, podemos notar dois aspectos da vida de Emmanuel Mounier. Primeiro, um pensador preocupado em ser sincero com tudo aquilo que fazia, e segundo, um filósofo do pensamento e da ação, ou seja, o que ele pensava não poderia ficar restrito somente no âmbito do pensar, mas tinha que partir para prática, para a ação¹. Foi esse

¹ Afirma Candide Moix (1968, p. 222-223): –O personalismo, por se um realismo integral, quer servir o homem total. Por isso não fica só no plano das ideias. Para ele o cuidado de fazer é inseparável do cuidado de ser. É por

ideal que levou Emmanuel Mounier a ser o filósofo do engajamento e da ação, o filósofo da atitude².

Emmanuel Mounier nasceu no dia 1º de abril de 1905, em Grenoble, França. Proveniente de uma família camponesa e vivamente religiosa, aprendeu desde cedo os princípios cristãos, os quais levou consigo por toda a sua vida. De personalidade forte e de espírito de liderança, iniciou seus estudos de filosofia, em 1924, em Grenoble e em 1927, defendeu sua tese que tem como tema: *O conflito do antropocentrismo e do teocentrismo na filosofia de Descartes*. No mesmo ano, com apenas vinte e dois anos, partiu para Paris a fim de conseguir uma vaga no concurso para o magistério. Ao ser aprovado no concurso, recebeu uma bolsa de doutorado de três anos. Nesse período, procurou uma tese para defender o seu doutorado. –Pensa no pecado, na mística espanhola, responsabilidade e destino. Finalmente decide, sob influência de Henri Delacroix,³ fixa-se sobre o tema da personalidade, tema para o qual convergiram suas preocupações futuras. (SEVERINO, 1983, p. 4). Iniciou sua carreira como professor⁴ de filosofia e ministrou aulas em Sainte Marie de Neuilly e no Liceu de Saint Omer, entre os anos de 1931 a 1932. Integrou um movimento de cultura religiosa das professoras do ensino público, chamado Les Davidées⁵, no qual começou a publicar os trabalhos escritos. Depois de ter tomado uma decisão madura e impelido a buscar uma nova realização pessoal, Mounier abandonou a carreira universitária e passou a buscar, desde então, voltar o seu olhar para as realidades existenciais da sociedade ocidental.

Nesse ínterim, reúne um grupo de amigos⁶ com o objetivo de desenvolver um trabalho de engajamento e ação e, sobretudo que pensasse sobre os grandes problemas que estavam acontecendo na sociedade ocidental. Foi a partir desse grupo de pensadores que nasceu a revista *Esprit*⁷. –O movimento *Esprit* aparece como um movimento de jovens a

querer servir o homem, não só em palavras mas em atos, que o personalismo se manifesta definitivamente muito mais perto da realidade humana do que o existencialismo.

² Afirma Severino (1938, p.6): –A busca de Mounier implicava o testemunho da verdade em qualquer circunstância, não podendo fazer acomodações a particularismo políticos. Sua pretensão era o fundamento de um verdadeiro humanismo novo, descobrindo valores humanos universais.

³ Henri Delacroix (1873-1937), psicólogo francês.

⁴ Mounier conhece o pensamento de Charles Péguy, e se encanta tanto pelo pensamento dele, que resolve escrever um livro sobre seus pensamentos. Posteriormente conhece o filósofo neotomista Jacques Maritain, o qual corroborou com o seu trabalho filosófico, e junto com ele elabora uma obra sobre Henri Bergson.

⁵ *Les Davidées* é uma revista, dirigida pela senhorita Silve, fundadora de uma obra para professores cristãos das escolas leigas.

⁶ Os primeiros integrantes do movimento *Esprit* foram: –Georges Izard, Déléage, Jean Lacroix, Nicolas Berdiaeff, Denis de Rougemont, René Biot, funda a revista *Esprit*. Mais tarde unem-se a este primeiro grupo Pierre-Aimé Touchard, Edmund Humeau, Jacques Madaule, Henri Guillemin, Pierre Henri Simonl (SEVERINO, 1938, p. 5).

⁷ A primeira edição da revista *Esprit* foi publicada em –outubro de 1932. Entre entusiasmo e ameaças, *Esprit* avança, sendo interdita, contida em 1941 pelo regime de Vichy, reabrindo-se em 1944 e continuando, até 1950, sob a direção pessoal de Mounier. –*Esprit*, como movimento, nasceu das exigências de uma nova

reclamar um novo alento de vida sobre a civilização ocidental (SEVERINO, 1983, p. 5). Com o despertar da Segunda Guerra Mundial⁸ em 1939, Mounier é preso pelos alemães, sendo libertado em julho de 1940. Emmanuel Mounier foi preso por mais três vezes⁹, acusado de ser membro do movimento –Combat¹⁰.

Em 1944, retorna à Paris, e em dezembro do mesmo ano ressurgiu a revista *Esprit*, no qual Mounier se reúne novamente com o grupo de velhos e novos amigos¹¹ para pensar nas questões da pós-guerra que começava a perturbar a sociedade europeia. Após ter finalizado completamente as guerras, em 1945, inicia-se uma nova série de publicações da revista *Esprit*, sob uma profunda perspectiva filosófica personalista visando uma civilização personalista, na qual o valor e a dignidade da pessoa humana fossem o centro do pensamento e das discussões.¹²

Depois de ter percorrido um longo caminho, ter publicado várias obras e ter buscado seguir um ideal na qual a pessoa humana tivesse a primazia e fosse o centro do pensar e do agir, com a saúde frágil e com algumas crises cardíacas provocadas pelos excessos de trabalho, Emmanuel Mounier deixa esse mundo com 45 anos de idade, após colapso cardíaco, no dia 22 de março de 1950. Conhecido o percurso histórico da vida de Emmanuel Mounier, este trabalho abordará seu pensamento filosófico que por sua vez, não é algo distante daquilo que ele viveu e pensou.

geração, inconformada com o estado das coisas e com a atitude que diante dele tomava a velha geração (SEVERINO, 1983, p. 5).

⁸ Mesmo diante das censuras feitas pelos nazistas contra todo de tipo de material ou pessoa que protestasse ou se mostrasse contra o governo de Hitler, a revista *Esprit*, consegue se manter de pé por um tempo, por sua vez, no ano seguinte é censurada completamente.

⁹ Nesse período na prisão escreve parte do seu livro, intitulado como o Tratado do Caráter.

¹⁰ O Combat era um movimento formado por homens que resistiam ao governo de Vichy e o avanço dos alemães na França. Afirma Moix (1968, p.7): –O movimento Combat, cujos membros eram acusados, em primeiro lugar, de lutar contra a propaganda e a dominação alemã.

¹¹ Com o fim da guerra integra ao movimento *Esprit*: Goguel, Marrou, Lacroix, Fraisse, D’Astorg, Domenach, Ricoeur (SEVERINO, 1983, p. 7).

¹² Afirma Severino (1983, p. 7): –Após a meditação forçada da guerra, Mounier volta à ação. Em dezembro de 1945, inaugura nova série de *Esprit*. A partir de então, Mounier viaja frequentemente ao estrangeiro para organizar ou reanimar grupos ligados ao movimento. Sobra-lhe tempo para várias publicações: em 1946, aparecem *Liberté sous conditions* e *Introduction aux existentialismes*; em 1947, publica *Qu’est-ce que le personalisme?*; em 1948, *La petite peur du XXème, siècle*, e finalmente, sua última obra enquanto vivo, *Le personalisme*, em 1949.

1.2 O surgimento da filosofia personalista mounieriana

É no contexto de crise econômica, crescimento de governos totalitários¹³, exclusão do comunitário, valorização do individualismo e esfacelamento da pessoa humana que surge o personalismo de Emmanuel Mounier, com o objetivo de encontrar um novo sentido e resgatar a dignidade da pessoa humana, restaurando o seu valor, a sua construção e a sua formação. –Este termo personalismo responde ao desabrochar da força totalitária, nasceu dela, contra ela; acentua a defesa da pessoa contra a opressão das estruturas (CHAIGNE, 1969, p. 58).

Diante desses aspectos apontados, pode-se afirmar que o personalismo nasce em meio a uma crise social e política, mas principalmente de uma crise humanitária. –O movimento personalista nasceu da crise que surgiu em 1929 com o *craque* de Wall Street¹⁴, e que continuou, sob nossos olhos, além do paroxismo da segunda guerra mundial, como afirma Chaigne (1969, p. 59).

Nesse cenário de caos, de crise e destruição se apresentavam duas pretensões de explicações: a dos marxistas e a dos moralistas. Os primeiros, afirmavam que o motivo da crise era econômico, –operem a economia, o doente se recuperará (CHAIGNE, 1969, p. 59). E os segundos, alegavam que o motivo era a crise de valores, crise moral, –a crise do homem; crise dos costumes; crise dos valores. Mudem o homem e as sociedades se curarão (CHAIGNE, 1969, p. 59). Em meio a esses conflitos e indagações, Mounier procurou buscar uma resposta convincente a essa crise humanitária que estava se estalando, decidindo não escolher nenhuma das respostas que se apresentavam, mas direcionar o seu olhar para a pessoa humana, reconstruindo e aprofundando o seu valor em todas as suas dimensões, totalidade e integralidade através da filosofia personalista.

Faz-se mister afirmar que o termo personalismo não surge com Mounier, outros pensadores como Renouvier¹⁵ e Walt Whitman¹⁶ já o tinham usado em suas obras, mas é com Emmanuel Mounier que este ganha um novo sentido e uma nova colocação. Segundo Chaigne (1969), a filosofia personalista mounieriana pode até ser chamada de personalismo comunitário. Esse caráter comunitário é a marca da filosofia personalista, pois, para Mounier,

¹³ –O Fascismo domina a Europa, explode a guerra da Espanha, a paz é vendida em Munique, enfim a Segunda Guerra Mundial, até então não cogitada, começa a mostrar-se inevitável e iminente. Em 1929, a grande crise econômica abala o mundo e a recuperação capitalista não garantia satisfação às exigências da nova geração destes pensadores de entre-guerras (SEVERINO, 1983, p. 6).

¹⁴ O *craque* de Wall Street foi um acontecimento que se deu com a quebra da bolsa de Nova York, em 1929, cujo efeito foi negativo em toda a Europa, fazendo com que muitas pessoas que tinham uma realidade financeira boa, ficassem prejudicadas, entrando em um estado de falência. Esta crise econômica mundial foi um dos motivos para desembocar a Segunda Guerra Mundial.

¹⁵ Charles-Bernard Renouvier (1815-1903), filósofo neocritico idealista francês.

¹⁶ Walt Whitman (1819-1892), poeta, ensaísta e jornalista norte-americano.

é o modo pelo qual a pessoa humana inserida em um meio comunitário pode se construir enquanto pessoa. Dessa forma, é nesse constante contato com as outras pessoas que é construído o universo da pessoa humana.

O personalismo de Mounier deve, portanto, ser sempre acompanhado pelo adjetivo -comunitário: -o primeiro ato da pessoa é pois, com outros, o de construir uma sociedade de pessoas, cujas estruturas, costumes, sentimentos e instituições, estejam marcados pela natureza de pessoas (CHAIGNE, 1969, p. 67).

Mounier não considera o personalismo uma filosofia de sistema e nem uma simples atitude, mas acredita ser necessário usar a sistematização, a lógica e os esquemas para expressar a sua filosofia. Como bem escreve Mounier em sua obra, *O Personalismo*, explicitando a filosofia personalista:

O personalismo é uma filosofia, não apenas uma atitude. É uma filosofia, não é um sistema. Não foge da sistematização. Porquanto o pensamento necessita de ordem: conceitos, lógica, esquemas unificantes, não servem apenas para fixar e comunicar um pensamento que sem ele se diluiria em intuições opacas e solitárias; servem também para perscrutar essas intuições em toda a sua profundidade; são simultaneamente instrumentos de descoberta e de exposição. Por que define estruturas, o personalismo é uma filosofia (MOUNIER, 1964, p. 16).

A proposta de Emmanuel Mounier não era fazer uma filosofia dogmática ou sistemática, fechada em si, mas pensar uma filosofia¹⁷ na qual a pessoa humana e a sua existência fossem compreendidas, por este motivo, o personalismo chega até ser comparado como o existencialismo, porém, um existencialismo cristão, que foi discutido por muitos filósofos, como Sören Kierkegaard¹⁸, Gabriel Marcel¹⁹ e Karl Jaspers²⁰. Assim, afirma Chaigne citando Mounier: -como método, o personalismo recusa ao mesmo tempo o método

¹⁷ Assim diz Moix sobre a diferença que há entre o personalismo e o existencialismo, e o objetivo do personalismo: -o que separa o existencialismo do personalismo é a confusão frequente que faz o primeiro entre o trágico e o desespero; o fracasso total da comunicação e a impossibilidade de fundar a comunidade: a interioridade mal compreendia que assinala uma volta ao individualismo; a negação da natureza humana; a negação da História; a ideia de uma liberdade sem limites e, por vezes, sem finalidade; a dissolução da verdade na subjetividade; a desconfiança excessiva da razão; o niilismo filosófico; e, sobretudo, a recusa sistemática da objetividade, que termina na recusa das mediações, da ciência, da técnica, da organização e marca uma volta ao idealismo. Tem-se muitas vezes a impressão de que, ao final, o existencialismo tende a enclausurar o existente na sua solidão. A filosofia de Mounier é personalista e comunitária. O personalismo, por se um realismo integral, quer servir o homem total. Por isso não fica só no plano das ideias. Para ele o cuidado de fazer é inseparável do cuidado de ser. É por querer servir o homem, não só em palavras mas em atos, que o personalismo se manifesta definitivamente muito mais perto da realidade humana do que o existencialismo (MOIX, 1968, p.222-223).

¹⁸ Sören Aabye Kierkegaard (1813-1855), filósofo dinamarquês, poeta, teólogo, crítico social considerado o precursor da filosofia existencialista.

¹⁹ Gabriel Honoré Marcel (1889-1973), filósofo, dramaturgo e compositor francês ligado à tradição fenomenológico-existencial.

²⁰ Karl Theodor Jaspers (1883-1969), filósofo e psiquiatra alemão.

dedutivo dos dogmáticos e o empirismo inicial dos realistas. Nosso destino imediato é caminhar na história e fazer história [...] E as constantes da condição humana não podem ser descritas sob a forma de um esquema definitivo! (MOUNIER *apud* CHAIGNE, 1969, p. 62).

1.3 A definição de pessoa humana para o personalismo mounieriano

Segundo Mounier, estaria fora do seu propósito dar uma definição rigorosa sobre a pessoa humana, pois sendo ela uma –realidade que conhecemos e que, simultaneamente, construímos de dentro, não é um objeto que conhecemos de fora, como todos outros! (MOUNIER, 1964, p. 16). A pessoa humana²¹ para Mounier pode até ser considerado um indivíduo, no entanto, ele prefere não utilizar este conceito, pois este revela apenas um caráter subjetivo²², exaltando o primado do individualismo e do egocentrismo. Esta definição vê o homem somente por uma via e elimina a totalidade das suas dimensões. Dimensões²³ essas que formam a pessoa humana. Pessoa também não é consciência que tem de si, pois, cada pessoa pode criar a sua própria imagem e a sua própria representação. Sendo assim, como definir a pessoa humana? Segundo Mounier (1967, p. 85), pessoa é:

Um ser espiritual constituído como tal por um modo de subsistência e de independência no seu ser; ela alimenta essa subsistência por uma adesão a uma hierarquia de valores livremente adoptados, assimilados e vividos por uma tomada de posição responsável e uma constante conversão; deste modo unifica ela toda a sua atividade na liberdade e desenvolve, por acréscimo, mediante atos criadores, a singularidade da sua vocação.

É importante ressaltar, que Mounier ao explicitar este conceito de pessoa, não rompe com a definição clássica dos autores medievais, mas antes, buscou elementos tanto na filosofia agostiniana como na filosofia tomista para consolidar o seu conceito sobre a pessoa

²¹ As palavras do filósofo Paul Ricoeur explicitam bem o motivo pelo qual o personalismo usa a palavra pessoa para se referir ao homem, invés, de consciência, sujeito ou eu. Diz Ricoeur (1996, p. 158): –Se volta a pessoa, é porque ela continua sendo o melhor candidato para sustentar os combates jurídicos, políticos, econômicos e sociais evocados em outro lugar; quero dizer, um candidato melhor do que todas as outras entidades que foram levadas pelas tormentas culturais. Relativamente à –consciencial, ao –sujeito!, ao –eu!, a pessoa aparece como um conceito sobrevivente e ressuscitado. *Consciência?* Como se crê ainda na ilusão de transparência que se liga a esse termo, depois Freud e da psicanálise? *Sujeito?* como se nutriria ainda a ilusão de uma fundação última nalgum sujeito transcendental, depois da crítica das ideologias da escola de Frankfurt? *O eu?* Quem não sente a impotência do pensamento para sair do solipsismo teórico, a não ser que ele parta, como em Emmanuel Lévinas, do rosto do outro, eventualmente numa ética sem ontologia? Prefiro dizer *pessoa* em vez de *consciência, sujeito, eu*.

²² –A pessoa, não é –um cogito! leve e soberano no céu das ideias, mas este ser pesado do qual somente uma forte expressão dará o peso, estamos embarcados num corpo, numa família, num meio, numa classe, numa pátria, numa época que não foram escolhidos por nós! (MOUNIER *apud* CHAIGNE, 1969, p. 62).

²³ O personalismo vai caracterizar a formação da pessoa humana em três dimensões: vocação, encarnação e comunhão. Iremos apresentar especificamente cada uma dessas dimensões no próximo capítulo.

humana, sobretudo, na revelação da Pessoa divina do Filho que se encarnou nessa terra. Por esse motivo, a filosofia personalista mounieriana possui um caráter cristão.

-A pessoa, na visão personalista, é um ser integral, ser dotado de corpo e alma, desejos, liberdade, responsabilidade, transcendência. Enquanto tal, é capaz de conhecer, de decidir, de responsabilizar-se (PEIXOTO, 2010, p. 460). Desse modo, ao olhar para pessoa humana, o personalismo mounieriano vê um ser na sua totalidade e na sua integralidade, possuidor de um corpo e de uma alma.

Ao dar essa definição de pessoa humana, Mounier não quis apresentar um conceito de pessoa humana completo e acabado em si, pois, a pessoa humana²⁴ segundo Mounier, não é um objeto que se caracteriza e se define com certo rigor, mas também não é fruto de uma experiência totalmente espiritual pura, desprendida do trabalho da razão e dos elementos sensíveis. Para a filosofia personalista mounieriana, a pessoa humana, além de possuir dimensões espirituais que a formam, que no próximo capítulo abordaremos cada uma delas, a pessoa humana também possui uma dimensão corporal, ou seja, ela não está isenta de um contexto histórico, cultural e social, mas está inserida nesses contextos que a envolve e que pode condicioná-la, forjando assim, o seu universo pessoal. Portanto, a pessoa:

É um centro invisível ao qual tudo se liga, ela é uma presença em mim. A pessoa é o volume total do homem. Ela é equilíbrio em comprimento, largura e profundidade, é tensão, em cada homem, de suas três dimensões espirituais: a dimensão profunda que o encarna; a vertical que o eleva ao universal, a horizontal que o leva a uma comunhão. Vocação, encarnação, comunhão, três dimensões da pessoa (MOUNIER *apud* CHAIGNE, 1969, p. 64).

Segundo Mounier, a pessoa humana é um valor absoluto, ou seja, a pessoa é um ser único, singular, insubstituível, inalienável, que nunca poderá ser tratada como um meio por uma coletividade, ou ser massificada por uma ideologia²⁵. Afirma Peixoto citando Mounier:

1º - Uma pessoa não pode jamais ser considerada como um meio por uma coletividade ou por outra pessoa; Que não existe Espírito impessoal, acontecimento impessoal, valor ou destino impessoal. O impessoal é a matéria; 2º - Que em consequência, excluídas as circunstâncias excepcionais em que o mal não pode ser detido senão à força, é condenável qualquer regime que, de direito ou de fato, considere as pessoas como objetos intercambiáveis, as dirija ou as constranja contra

²⁴ Diz Mounier (1967, p. 90), –a vida da pessoa como se vê, não é uma separação, uma evasão, uma alienação, um domínio circunscrito, a que viesse apoiar-se de fora a minha atividade. É uma presença atuante no volume total do homem, toda a sua atividade está aí interessada.

²⁵ Peixoto (2010, p. 458) diz que –o intuito do personalismo é a compreensão da pessoa enquanto totalidade e enquanto centro de todas as ações. O nosso dia a dia histórico deve se constituir numa afirmação radical do caráter inalienável, insubstituível e, portanto, absoluto da pessoa. Ao afirmar o valor absoluto da pessoa, Mounier não está propondo a edição de um novo individualismo, pois o que ele mais combateu foi justamente o individualismo.

a vocação do homem [...]; 3º - Que a sociedade, isto é o regime legal, jurídico, social e econômico não tem por missão sem subordinar a si as pessoas, nem assumir a realização de sua vocação [...] 4º - É a pessoa que faz seu destino: outra pessoa, nem homem, nem coletividade por substituí-la (MOUNIER *apud* PEIXOTO, 2010, p. 458).

Esses quatro pontos são essenciais para a constituição da pessoa humana fundamentada pelo personalismo e marca assim o seu processo de formação e construção. Ao mesmo tempo em que a pessoa humana é um ser em relação com o outro, um ser comunitário, ela é também um ser singular, um aspecto importantíssimo para que ela possa construir o seu universo pessoal e formar assim a sua personalidade, livre de toda opressão totalitária provocada pelo estado ou pela sociedade.

1.4 A existência humana como o ponto de partida do personalismo

Mounier mergulha na existência da pessoa humana, tentando fazer uma investigação profunda deste mistério que nos é apresentado. Mistério esse, que nos deparamos todos os dias, que por vezes faltam palavras e conceitos para defini-lo, mas, que por si só, manifesta a sua beleza e a sua grandeza. Segundo o pensamento mounieriano, a existência humana não pode ser compreendida de forma mecânica, como uma máquina, feitas de peças e engrenagens, que movimentam de forma sucessivas e com movimentos simultâneos. Ver a existência humana somente por esse viés mecanicista é enxergá-la de forma limitada e condicioná-la a esquemas fechados, rígidos e deterministas, inviabilizando a sua liberdade, a sua responsabilidade, a sua decisão e, sobretudo a sua transcendência.

A existência humana é o ponto de partida da filosofia personalista, pois, é por ela que o homem se realiza, enquanto ser, enquanto criatura, e principalmente enquanto pessoa, capaz de escolher, de deliberar, de confrontar com a realidade que o envolve, de se relacionar com o meio e com o outro, construindo assim, a sua personalidade.

A existência da pessoa é uma existência dialética, isto é, ela não se prende a um dado definitivo. Por isso, não se reduz a uma natureza substancial, a um esquema fixo e rígido de ser. A existência pessoal não é o desenvolvimento mecânico de potencialidades predeterminadas ou predefinidas, mas uma contínua pulsação, uma ininterrupta disputa entre a exteriorização e a interiorização. A pessoa se expõe, ela afronta, existe projetando-se fora de si face ao real, mas ao mesmo tempo ela se retoma, concentra-se sobre sua própria interioridade, é afirmação e negação sucessivas de si mesma; é abertura para outro sem se perder, contudo, na massificação do puro coletivo (SEVERINO, 1983, p. 14).

Ao apresentar a existência humana como ponto de partida para a filosofia personalista, Mounier não quis ver nela um inferno como Sartre²⁶ e nem um absurdo como Albert Camus²⁷, mas fazer dela uma fonte na qual o homem encontraria sentido para sua vida. Ao partir da existência humana, o personalismo mounieriano, não está anulando sua essência, mas está direcionando-a uma das dimensões da pessoa humana. Deste modo, o ser humano –transcende sua naturalidade ontológica. Só ele é capaz de conhecer, de transformar, de amar, de ser livre, de usar do determinismo natural como instrumento de superação. Só ele é capaz de ação construtiva (SEVERINO, 1983, p.14). Portanto, a essência da pessoa para o personalismo, parte de um caráter imanente e transcendente, exterior e interior, ou seja, é um sair de si para realidade, e depois, um retorno para si.

1.5 O personalismo comunitário contra as correntes individualistas

As palavras do filósofo Jacques Maritain explicitam bem este período em que se levantaram várias forças totalitárias que suprimiram a pessoa humana em sua inteireza, fazendo delas massas de manobras e implantando a cultura do individualismo.

O século XIX fez a experiência dos erros do individualismo. Vimos desenvolver-se por reação uma concepção totalitária ou exclusivamente comunitária da sociedade. Para reagir ao mesmo tempo contra os erros totalitários e os erros individualistas, era natural que se opusesse a noção da pessoa humana, comprometida como tal na sociedade, simultaneamente à ideia do Estado totalitário e à ideia da soberania do indivíduo (MARITAIN, 1962, p. 9-10).

O personalismo se opõe a algumas correntes ideológicas que tendem a ver a pessoa humana como um meio, como uma massa, ou simplesmente como um objeto do prazer e da realização pessoal egoísta. Dentre elas, destacamos: o coletivismo, que tende a olhar para pessoa sob uma perspectiva coletiva, anulando a sua singularidade pessoal, o seu valor enquanto ser e tratando a pessoa humana apenas como uma unidade numérica. A segunda corrente que o personalismo combate, é o individualismo, considerado por Mounier o pior inimigo do personalismo. A respeito do individualismo, afirma Mounier (1967, p. 88):
–Dispersão, avareza, eis as duas marcas do individualismo (...). Ao fim e ao cabo, o individualismo é a morte: dissolução dos elementos do corpo, vanidade espiritual.

²⁶ Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980), filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo.

²⁷ Albert Camus (1913 – 1960) foi um escritor, filósofo, romancista, dramaturgo, jornalista e ensaísta francês.

O individualismo anula a solidariedade entre as pessoas, tornando-as indiferentes e frias, fazendo com que elas construam ilhas e se isolem no seu canto. O individualismo inviabiliza a relação com o outro, e se não há relação com o outro, torna-se impossível criar uma comunidade fraterna, visto que, o outro também é importante para a minha construção enquanto pessoa.

O moralismo que também é conhecido como uma corrente espiritualista, defendia uma posição já preconcebida do homem, restringindo a pessoa humana somente a um caráter espiritual, anulando o seu caráter corporal. Segundo Mounier, ver a pessoa humana somente através de um viés espiritual ou corporal, separando um do outro é cair no erro dos modernos que –após um cartesianismo duvidoso, separa arbitrariamente corpo e alma, pensamento e ação, homo faber e homo sapiens (MOUNIER *apud* CHAIGNE, 1969, p. 59). Embora essa corrente valorize o homem enquanto um ser espiritual e transcendente pode haver o risco de esquecer-se do aspecto existencial e corporal da pessoa humana, que para filosofia personalista é essencial para a compreensão da pessoa.

Outro inimigo do personalismo apontado por Mounier é o capitalismo. Para a filosofia personalista, o capitalismo faz a pessoa ficar presa e girar em torno de um lucro exacerbado, tornando-se, a própria pessoa produto de troca e de consumo. O capitalismo reduz a pessoa humana ao ter, ao possuir, e não olha para aquilo que ela é, mas somente para aquilo que ela possui e pode oferecer. No capitalismo há uma inversão de papel, o dinheiro não está mais a serviço do homem, mas é o homem que se torna escravo do dinheiro. –A economia capitalista é uma economia inteiramente subvertida, em que a pessoa está submissa a um consumo que é, ele mesmo, submisso à produção, que por sua vez, está a serviço do lucro especulativo (MOUNIER *apud* CHAIGNE 1969, p. 76). O dinheiro é o senhor do homem, ele se torna um deus que controla todos os seus impulsos, todas as suas vontades, e não é mais colocado a serviço do bem comum. Mounier (1967, p. 62) afirma:

O capitalismo despoja-o dos frutos do seu trabalho à medida que o produz, do próprio domínio da sua atividade de trabalho. Ele não anima uma realidade humana onde todos pudessem comunicar, mas um mundo de coisas e de mercadorias que não são avaliadas senão em dinheiro. Os homens já não têm relações entre si senão por esses intermediários inumanos.

Ao analisar o marxismo²⁸, Mounier percebe implantado na sua estrutura, uma série de erros, que por vezes é encoberto e disfarçado. Destacamos aqui alguns pontos errôneos²⁹ do marxismo: primeiro, -uma negação fundamental do espiritual como realidade autônoma, primeira e criadora (MOUNIER, 1967, p. 64), reduzindo a pessoa humana a um profundo imanentismo, restringindo o seu caráter transcendente e autêntico, estabelecendo assim, o reinado do material sobre o espiritual, esquecendo-se dos valores transcendentais ao homem e das verdades eternas. Segundo, o marxismo traz um -otimismo do homem coletivo que provoca o pessimismo radical da pessoa (CHAIGNE, 1969, p. 91), ou seja, o homem torna-se uma massa, massa de controle ideológico que anula todo o seu caráter único e singular, a sua vontade, a sua liberdade e o seu direito de decidir e escolher algo. Afirma Mounier (1967, p. 78-79):

Isto equivale a supor que se pode impor a uma pessoa a ideologia que se queira. É supor que se pode encerrar na massa a ideologia que quiser. A massa é assim considerada como um instrumento de formação da pessoa, e a ideologia como um instrumento de formação para massa. Mas nem a pessoa nem a massa suportam esta formação, por mais que se queira, nem a pessoa nem a massa comporta uma ideologia. A revolução marxista afirmar-se, pelo contrário, como uma revolução de massa, não somente no sentido evidente de que é preciso, para derrubar uma força considerável, reunir uma força igual, mas no sentido mais significativo de que só a massa é criadora dos valores humano.

A respeito do comunismo, Mounier (1967, p. 64) afirma que -na sua visão ou na sua organização do mundo, não conta com essa forma última da existência espiritual que é a pessoa e os seus valores próprios: a liberdade e o amor. Terceiro, o homem torna-se objeto de controle social e político, ficando refém dos regimes totalitários e individualistas.

Há, pois, erro nos termos quando o marxismo nos responde que o seu regime futuro é um regime individualizado, que dará a cada um conforme as suas necessidades, cientificamente determinados. E ele revela assim, sem dúvida, que o seu comunismo não é mais que um individualismo mais esperto. Resta-nos mostrar que a pessoa que nós reivindicamos é diferente de um indivíduo mais bem informado (MOUNIER, 1967, p. 78-79).

²⁸ No seu livro, Manifesto ao serviço do personalismo, Mounier (1967, p. 128) afirma: -O domínio da ideologia e do discurso moral é precisamente esse domínio impreciso e etéreo que marxistas (...) acordam em colocar a meio caminho de um céu vazio e de uma terra inóspita.

²⁹ As palavras do filósofo Jacques Maritain explicitam bem o erro do marxismo: -Pretende orientar-se para a libertação absoluta do homem que se tornará o Deus da história; na sua primeira origem, não há um protesto desesperado contra desumanização da pessoa. Mas é puramente como imanente ao grupo que procura libertá-la; a supomos realizada a libertação que se propõe, seria na realidade a libertação do homem coletivo, não da pessoa individual; e a supomos como Marx o quer, que no fim do Estado político será abolida, em compensação a sociedade como comunidade económica (no sentido mais amplo da palavra) subordinaria a si toda a vida das pessoas (MARITAIN, 1962, p.98).

Em contrapartida as essas ideologias individualistas Mounier apresenta o personalismo comunitário, ou como também é conhecido, como revolução personalista comunitária. O personalismo comunitário tem como foco e como meta o erguimento da pessoa e da comunidade, algo que segundo Mounier foi se perdendo ao longo do tempo pela supervalorização do individualismo provocado pelas ideologias individualistas e massificadoras, pelos governos totalitários e pelas guerras mundiais, que desencadeou na indiferença e no egoísmo. No personalismo comunitário, o valor e a dignidade da pessoa humana têm a sua primazia e a comunidade³⁰ é a base que consolida todas as relações.

O lugar de cada um seria insubstituível e essencialmente desejado pela ordem do todo. Só o amor seria o seu laço, e nunca a coação, nenhum interesse vital ou econômico, nenhuma instituição extrínseca. Nela, cada pessoa sendo promovida aos valores superiores que a realizam, acharia nestes valores superiores, objetivos e comuns, a linguagem capaz de a unir a todas as outras (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p. 153).

Tendo como exemplo as primeiras comunidades cristãs, vemos como todos buscavam viver a partilha e o amor fraterno, a doação e o respeito mútuo. Todos eram valorizados não pelo que possuíam, ou que podiam oferecer, mas pelo simples motivo de ser filhos do mesmo Pai, de ser irmãos, de pertencerem a uma família, pelo fato de existir.

No personalismo, a pessoa é uma presença voltada para o mundo e para outras pessoas: —As outras pessoas não a limitam; ao contrário, permitem-lhe ser e se desenvolver. Ela (a pessoa) só existe enquanto voltada para os outros, só se encontra nos outros. Tudo isso é quase o mesmo que dizer que eu só existo enquanto existo para os outros e que, no fundo, —ser significa amar. (MOUNIER *apud* REALE, 2006, p. 405).

A dimensão comunitária marca a filosofia personalista mounieriana de certa forma, que chega a ser impossível falar de personalismo sem citar o aspecto comunitário. Ora, é na comunidade que a pessoa humana é vista na sua totalidade, que os mais profundos valores são resguardados, como o amor, a dignidade, o respeito, a solidariedade, a confiança, a

³⁰ Segundo Lorenzo (1996, p. 12-13), —a comunidade não é a soma dos indivíduos, das personalidades ou dos personagens. Ela ultrapassa todas essas cristalizações. Assim como a pessoa é uma presença misteriosa, a comunidade é um valor que transcende todas as suas manifestações e todas as projeções sociológicas. A verdadeira comunidade aproxima os homens, apesar das dificuldades mais ou menos graves, apesar das crises mais ou menos dramáticas que aliás fazem parte essencialmente de nossa condição humana. Além do mais, a comunidade, enquanto integração consciente das pessoas, só poderá se estabelecer se salvaguardar a vocação específica e insubstituível de cada um. Isto quer dizer que há reciprocidade e complementariedade. Por isso se vê como se coloca a dialética dessas duas realidades, dialética difícil para quem deseja levar em consideração a complexidade da vida pessoal, feita, esquematicamente, de um tempo de recolhimento e de um outro de exteriorização. Todos os excessos cometidos de uma parte ou de outra implicam numa certa degradação do ser humano em sua tendência à personalização. Contra aqueles que afirmam a supremacia de uma ou de outra, Mounier escreve o seguinte: —A comunidade não é tudo, mas uma pessoa humana isolada não é nada.

responsabilidade e é na comunidade que o caráter da pessoa é construído, formado e moldado. Dessa forma, à medida que o eu egocêntrico e individualista vai perdendo espaço para a compreensão do outro, o nós vai adquirindo o seu lugar, não pelo viés coletivista, mas pelo viés da unidade e da comunhão, transformando assim, uma civilização personalista³¹. Civilização esta, que Mounier defendeu apaixonadamente em seus escritos filosóficos e em suas conferências.

A comunidade não nasce de pessoas que apagam, mas que se promovem plenamente. O nós de um grupo *em nós outros* é um mero aglomerado de individualidades mais ou menos impessoais. O nós comunitário só se realiza a partir do dia em que –cada um dos membros descobriu cada um dos outros como uma Pessoa, e começa a trata-la como tal, a compreendê-la como tal. Impossível fundar a comunidade esquivando-se da pessoa: –Toda comunidade é uma pessoa de pessoas, ou não passa de um número ou de uma força, portanto de material (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p. 153).

Entretanto, é importante frisar, que a comunidade personalista que Mounier apresenta, não é uma comunidade utópica, pertencente ao âmbito idealista e imaginário, formada por homens e mulheres perfeitos em si, sem falhas e erros, mas sim, uma comunidade formada por homens e mulheres dispostos a se ajudarem e a se edificarem enquanto seres humanos, enquanto pessoas que estão sujeitas a falhas e a erros, mas que não perderam o seu foco principal, a sua motivação inicial e o seu primeiro objeto que é resgatar a dignidade, a liberdade, a solidariedade, a responsabilidade e principalmente o amor e a unidade, isto é, resgatar a pessoa humana em todas as suas dimensões, em toda a sua totalidade e integralidade.

Para entendermos a proposta de Mounier sobre a criação de uma nova civilização, uma civilização personalista na qual buscasse afirmar a sacralidade da vida humana e o seu valor absoluto acima de todas as coisas, é necessário entendermos o contexto da sua época. Época marcada pela –desordem estabelecida³², termo que o próprio Mounier cunhou nos seus escritos para chamar os grandes erros que estavam acontecendo na sociedade ocidental. Esta desordem estabelecida se deu pela grande crise econômica 1929, pelas guerras mundiais, pela

³¹ Afirma Mounier (1967, p. 83), –uma civilização personalista é uma civilização cujas estruturas e espírito estão orientados para a realização da pessoa que é cada um dos indivíduos que a compõem. As coletividades naturais são aqui reconhecidas na sua realidade e na sua finalidade própria, diferente da simples soma dos interesses individuais e superior aos interesses do indivíduo considerado materialmente. Elas têm, todavia, por fim último por cada pessoa em estado de poder viver como pessoa, que dizer, em estado de poder atingir um máximo de iniciativa, de responsabilidade, de vida espiritual.

³² Afirma Lorenzon (1996, p. 81): –Mounier denuncia a tirania e a opressão da –desordem estabelecida, fundada numa concepção de civilização ocidental, burguesa e individualista, que coloca o lucro, o dinheiro, a competição, o valor absoluto da propriedade individual como dogmas de fé.

perda dos valores mais profundos e essenciais, e, sobretudo pelo individualismo. Afirma Mounier sobre a desordem estabelecida:

A guerra decepcionou os homens de quarenta anos, e a geração dos anos de 30 se achou, desse modo, isolada, um pouco desamparada. A desordem é concretizada, inicialmente, pela presença da miséria: a prosperidade permite o jogo e mascara a injustiça. A miséria esmaga o homem sobre seus problemas essenciais e põe a descoberto, em amplas áreas, os pecados de um regime. Desordem econômica e política, traição dos valores mais essenciais. Mas o mal é mais grave ainda. Este mal profundo é a crise do homem do século XX, a crise da civilização ocidental. O *individualismo* é a raiz do mal. Tais desordens geraram outras: em face do individualismo burguês, que consolida o reino do egoísmo, vastas extensões coletivas abalam a Europa: comunismo e fascismo, falsas, mas vigorosas reações contra um Ocidente que não sabe mais conservar senão –ordens|| mortas (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p.58-61).

Segundo Moix, a geração de *Esprit*³³ soube identificar e compreender bem a gravidade dessa crise. Por isso, ela –quis estar presente aos problemas do tempo, foi à geração do engajamento|| (MOIX, 1968, p. 57). Foram esses acontecimentos que levou o filósofo francês a pensar numa civilização que pudesse possuir um caráter comunitário, ou seja, uma civilização formada por pessoas que se valorizam e que se edificam enquanto seres em formação e construção.

Outro fator que possibilitou o avanço dessa desordem estabelecida foi a confiança exacerbada no poder totalitário do estado sobre a pessoa, tirando assim, a sua liberdade e o seu espaço de atuação no mundo, priorizando outras coisas e colocando em segundo plano a pessoa humana. Afirma Mounier (1967, p. 129):

O mundo moderno imaginou, experimentou, usou muitos sistemas polarizados no poder total do Estado, na anarquia do indivíduo, ou no primado do econômico. Quase não pensou ou apenas esboçou de maneira esparsa uma civilização que, integrando todas as suas aquisições positivas, fosse orientada para a proteção e a eclosão das pessoas humanas. Nada ainda se fez para determinar antes de mais nada com algum conjunto e rigor de concepção, e para em seguida pôr à prova as instituições de uma cidade personalista.

Assim, para que a sociedade se erguesse do caos e da fragmentação da pessoa humana provocado pelos regimes totalitários, pelas guerras mundiais e principalmente pelo individualismo se fazia necessário segundo Emmanuel Mounier, construir uma civilização personalista, isto é, uma civilização cujas estruturas e espírito estariam orientados para a

³³ Referimos no primeiro tópico sobre a revista *Esprit*, que também era um grupo formado por pensadores preocupado com a desordem que estava se estalando na Europa ocidental. Eles procuraram através da revista *Esprit* expor os seus pensamentos sobre filosofia, política, ética e economia e principalmente denunciar contra essa onda totalitária que estava se estabelecendo.

realização da pessoa humana (MOUNIER, 1967, p. 83). Desse modo, Mounier lança as bases para o engrandecimento de uma civilização personalista³⁴.

Esta tão sonhada civilização personalista pregada pelo personalismo que também pode ser chamada de comunidade personalista³⁵, não era para Emmanuel Mounier apenas um mero sonho fantasioso e imaginário, mas sim algo concreto e necessário para a compreensão da pessoa humana e, sobretudo para a transformação da sociedade. Mas, para que isso pudesse ser concretizado dependeria da participação e da responsabilidade de todos. Entendemos responsabilidade aqui no sentido de corresponsabilidade, ou seja, é uma comunidade formada por pessoas, onde todos participam de modo singular, e além de ter o compromisso com o outro são corresponsáveis em guardar os mais profundos valores e princípios que nortearia a comunidade e acima de tudo, são corresponsáveis em resguardar a dignidade de cada pessoa.

É importante ressaltar que esse ideal comunitário não é para Mounier uma luta de classes e nem uma revolução, ou uma reivindicação feita pela classe oprimida contra a classe burguesa opressora, tão discutida pelos marxistas, por que até então, Emmanuel Mounier era um filósofo cristão e acreditava na transcendência do homem a esse mundo, e principalmente não era um filósofo materialista. Por isso, quando o filósofo apresenta a criação de uma civilização personalista, ele quer apresentar, sobretudo uma ação personalista, ou seja, um jeito de colocar o pensamento em ação, a teoria na prática. Dessa maneira, esta civilização personalista tão defendida pelo o nosso filósofo, às vezes chega a parecer algo ideal e real ao mesmo tempo. Ideal porque poderia ser impossível esta proposta ser concretizada neste mundo, e real porque as pessoas são capazes de transformar o meio que vive. Afirma Mounier (1967, p. 113-114):

Se fosse necessário delinear uma tal utopia, descreveríamos uma comunidade onde cada pessoa se realizaria na totalidade de uma vocação continuamente fecunda, e a comunhão do conjunto seria uma resultante viva desses êxitos singulares. O lugar de cada um seria aí insubstituível e ao mesmo tempo harmonioso no todo. O primeiro laço seria o amor, e não qualquer constrangimento, qualquer interesse econômico ou

³⁴ Comentando sobre a civilização personalista, Alino Lorenzon apresenta dois princípios fundamentais: -1º- Não existe civilização que não seja fundada sobre uma base de respeito à pessoa. Confundir a comunidade com o número ou simplesmente com a massa anônima, denotaria um desconhecimento total da dignidade singular da pessoa, de sua iniciativa criadora. A aceitação desse princípio supõe correlativamente a aceitação de uma espécie de explosão contínua e imprevisível da pessoa. Por outro lado, é graças a esse poder que as sociedades nascem e renascem de sua morte. 2º- Complementariamente, é preciso afirmar que a pessoa não existe separadamente da comunidade onde ela se encarna. Se cada um de nós é, em última análise, o principal responsável por seu destino e o artífice de sua vocação, é verdade também que não nos salvamos sozinhos, mas com e dentro de uma comunidade humana. Resultaria vão e irrealista o esforço de querer estabelecer uma comunidade humana esquecendo seus princípios fundamentais. Trata-se de exigências inseparáveis, tanto no plano especulativo quanto no prático (LORENZON, 1996, p. 11).

³⁵ Falamos um pouco sobre a comunidade personalista no capítulo um, mas aqui iremos apresentar essa temática tão cara para o personalismo de forma mais aprofundada.

vital, qualquer aparelho intrínseco. Cada pessoa encontraria nos valores comuns, transcendentais ao lugar e ao tempo particular de cada um, o laço que as ligaria entre si. Seria perfeitamente perigoso supor este esquema historicamente realizável. Mas (...) é ele que deve orientar o ideal comunitário de um regime personalista.

A civilização personalista é antes de tudo uma comunidade que visa priorizar a integralidade de cada pessoa humana, por isso, todo o sistema e estrutura dessa civilização deverá possuir como finalidade o engajamento de cada pessoa, ou seja, deverá favorecer com que ela encontre o seu lugar, pois o seu espaço é único e ninguém poderá ocupar a não ser ela mesma. É na comunidade, sobretudo, onde cada pessoa é formada sobre o pilar de cada dimensão: vocação, encarnação e comunicação, é na comunidade onde o universo pessoal é construído, onde a pessoa transcende todas coisas materiais, fazendo parte de um todo que não a massifica, mas que a unifica e a torna singular e principalmente livre para decidir e escolher, e ao mesmo tempo responsável pelos seus atos. Portanto, não são massas e nem objetos, mas sim pessoas humanas, que no fundo não deixa de ser um mistério e de revelar uma presença misteriosa que ultrapassa os limites da razão e os cálculos científicos. Como comenta Alino Lorenzon (1996, p. 12):

A comunidade não é a soma dos indivíduos, das personalidades ou dos personagens. Ela ultrapassa todas essas cristalizações. Assim como a pessoa é uma presença misteriosa, a comunidade é um valor que transcende todas as suas manifestações e todas as projeções sociológicas. A verdadeira comunidade aproxima os homens, apesar das dificuldades mais ou menos graves, apesar das crises mais ou menos dramáticas que aliás fazem parte essencialmente de nossa condição humana.

Cabe, então, a pergunta, porque a criação de uma civilização personalista? E como seriam as bases dessa civilização? Parece que as respostas às estas perguntas brotariam da própria época por meio do pensamento e da ação. Em meio a uma época tão difícil em que as pessoas estavam sendo fragmentadas, perdendo o seu valor e a sua dignidade, em que não se tinha mais esperança e expectativa de dias melhores, se fazia necessário uma revolução³⁶ personalista. Uma revolução no qual buscasse afirmar o valor e a dignidade da pessoa humana, e principalmente a de –construir uma sociedade de pessoas, cujas estruturas, costumes, sentimentos e instituições, estejam marcados pela natureza de pessoas!

³⁶ Diz Jean Lacroix comentando sobre Mounier: –Mounier não caminhou do personalismo à pessoa, mas da pessoa para o personalismo. O profeta da revolução personalista e comunitária assumindo a missão restituir a cada homem a possibilidade de uma vida pessoal: vida material e corporal, vida interior, vida de lazer, vida artística, conversão poética com mundo, diálogo com o próximo, comunhão com Deus, tudo isto que a miséria impede ou que o emburguesamento esteriliza hoje na grande maioria (LACROIX *apud* MOIX, 1968, p. 57).

(CHAIGNE, 1969, p. 67). Esta foi a grande tentativa do personalismo mounieriano, lançar mãos nessa filosofia da ação. Segundo Mounier, o personalismo deveria imprimir as instituições duas orientações:

1.º Um condicionamento negativo: nunca fazer de ninguém uma vítima do peso delas ou um instrumento da sua tirania: impedir que se imiscuem na parte propriamente pessoal, quer no domínio privado quer no domínio público, da vida dos particulares; proteger essa parte sagrada contra opressão possível de outros indivíduos ou de outras instituições. 2.º Uma orientação positiva: dar a um número cada vez maior de pessoas, em suma, a cada uma delas, os instrumentos apropriados e as liberdades eficazes que lhe permitam realizar-se como pessoa; rever de alto a baixo os aparelhos, uma vida coletiva, que especialmente desde há um século se desenvolveram com uma rapidez prodigiosa não cuidando das pessoas, portanto contra elas; impregnar todos os mecanismos da cidade das virtudes da pessoa desenvolvendo ao máximo em todos os níveis e em todos os pontos a iniciativa, a responsabilidade, a descentralização (MOUNIER, 1967, p. 129-130).

Todo esse pensamento mounieriano sobre a construção de uma civilização personalista parece ser uma tentativa de o filósofo francês apresentar uma filosofia política, mas principalmente discutir com os dois regimes políticos crescente na época: o marxismo que desembocou no comunismo e o fascismo. Mounier percebeu que os grandes erros desses regimes foi pensar que cada pessoa teria seu desenvolvimento coletivo e não de forma singular e individual, anulando assim a sua liberdade pessoal. Afirma Mounier, –o erro do fascismo e do marxismo é o de crer que a nação, ou o Estado, ou a Humanidade, pode e deve assumir no seu desenvolvimento coletivo o que só cada pessoa pode e deve assumir no seu desenvolvimento pessoal (MOUNIER, 1967, p. 97).

Assim, o fim social e político da civilização personalista não deixam de ser uma constante valorização da pessoa humana em todas as suas dimensões, afirmando a sua sacralidade acima de toda corrente que tende a fragmentar a sua integridade e a coletivizar a sua unicidade. Neste sentido, a formação e a construção da pessoa humana ganha um espaço privilegiado na comunidade personalista, pois sendo a pessoa a base desta comunidade, compreende-la em sua totalidade vai ser o melhor caminho para ajudá-la a ser uma pessoa realizada e feliz.

Após termos entrado no trilho da filosofia personalista mounieriana, de termos descoberto o contexto do seu nascimento, o seu ponto de partida e o conceito de pessoa humana, vamos agora apresentar a formação e a construção desta pessoa, que segundo Mounier, é à base de toda a filosofia personalista.

2 A FORMAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA PESSOA HUMANA: ASPECTOS DE UMA ANTROPOLOGIA PERSONALISTA

“Conhece-te a ti mesmo”.
Oráculo de Delfos - Sócrates

Por ter sido marcado por uma grande crise humanitária, o século XX gerou grandes indagações ao mundo, fazendo com que muitos pensadores refletissem sobre a atual situação em que se encontrava o homem contemporâneo. Se fôssemos traçar alguns pontos, ou fazer um panorama geral dos principais temas abordados e pensados pelos filósofos contemporâneos, poderíamos destacar com toda certeza: a existência humana, o sentido do ser, a compreensão da pessoa e a importância do outro, formando assim um pano de fundo comum entre a maioria dos pensadores desse período. Temos como exemplo, o sentido do ser de Heidegger, a filosofia da alteridade de Levinas, a filosofia de Gabriel Marcel sobre o mistério do ser, a filosofia existencialista de Sartre, o problema da empatia em Edith Stein e o humanismo integral de Jacques Maritain, entre outros.

Em Emmanuel Mounier não é diferente, a sua busca e o seu esforço para compreender a pessoa humana e torná-la compreendida o fez chegar ao personalismo, como afirma Jean Lacroix, –Mounier não caminhou do personalismo à pessoa, mas da pessoa para o personalismo (MOIX, 1968, p. 133). É importante retornar que o personalismo mounieriano não está preocupado em definir conceitos e fazer sistemas, mas, sobretudo criar uma filosofia da ação e do engajamento. Por isso, o principal objetivo do personalismo mounieriano foi resgatar o valor e a dignidade da pessoa humana em sua inteireza, fazendo uma profunda investigação da pessoa para compreendê-la em todas as suas dimensões, tarefa que por vezes não foi nada fácil e que exigiu grandes esforços e muita luta.

Neste capítulo iremos apresentar alguns aspectos da antropologia personalista mounieriana que tem como alicerce principal as três dimensões da pessoa humana: vocação, encanação e comunhão, que segundo Emmanuel Mounier, é o tripé essencial para a sua formação. Neste sentido, a formação da pessoa humana não é algo dado, acabado e concluído em si, mas é construído e moldado pela própria pessoa, pelo meio em que ela vive, pelos conflitos interiores e exteriores, pela relação com o outro e principalmente pelo conhecimento de si mesma. Dessa maneira, de forma profunda e sistemática iremos abordar cada dimensão da formação da pessoa humana apontando os aspectos de sua construção.

2.1 As três dimensões da pessoa humana

O personalismo apresenta a formação da pessoa humana em três dimensões: vocação, encarnação e comunhão ou comunicação, que são acompanhados pelos três exercícios: meditação, engajamento e despojamento. Sobre os três exercícios afirma Mounier: –Os três exercícios essenciais à formação da pessoa são: a meditação à procura de sua vocação; o engajamento, reconhecimento de sua encarnação; o despojamento, iniciação do dom de si e à vida nos outros. Se a pessoa falhar em um deles, ela decai (MOUNIER *apud* CHAIGNE 1969, p. 69).

Mounier vai chamar a vocação de princípio vivo e criador, a dimensão que faz o homem encontrar o seu lugar, assumir a sua missão e cumprir o seu dever enquanto ser. Sobre a encarnação, vai afirmar que a pessoa é um ser encarnado e não somente um ser que possui uma alma, mas um ser que também possui um corpo e que por isso, está inserido nas condições históricas e temporais. Sobre a comunhão, afirma: –encontramos assim a comunhão inserida no próprio coração da pessoa, integrante da sua própria existencial (MOUNIER, 1967, p. 106). A comunhão faz a pessoa sair de si para ir ao encontro do outro, para crescer e aprender com o outro. Segundo Chaigne citando Mounier afirma:

A pessoa é o volume total do homem. Ela é equilíbrio em comprimento, largura e profundidade, é tensão, em cada homem, de suas três dimensões espirituais: a dimensão profunda que o encarna; a vertical que o eleva ao universal, a horizontal que o leva a uma comunhão. Vocação, encarnação, comunhão, três dimensões da pessoa (1969, pp. 63-64).

2.1.1 A vocação

Embora o filósofo tenha utilizado uma palavra do linguajar cotidiano e que muitas vezes é utilizada no campo profissional e religioso para expressar aptidões pessoais e talentos específicos, não foi esse o seu principal objetivo, aplicá-la nesse sentido, mas quis designar a palavra vocação³⁷ à uma singularidade e unicidade existente em cada pessoa. Dessa forma, para o personalismo mounieriano, cada pessoa é única, é singular, possui o seu próprio espaço e lugar no mundo que é insubstituível por qualquer outra pessoa. Afirma Mounier:

³⁷ Chaigne explicita: —a vocação é pois, para a pessoa, ao mesmo tempo unificação de si, de seu ser espiritual independente, recolhimento ao seu eu secreto, à intimidade, ao privado e abertura do mais secreto de si mesma à transcendência que a explica, sustenta, e chama, sempre conservando totalmente o uso de sua liberdade interior! (MOUNIER *apud* CHAIGNE, 1969, p. 69).

Para definir uma posição personalista basta pensar que toda a pessoa tem uma significação tal, que o lugar que ocupa no universo das pessoas não pode ser preenchido por outra qualquer pessoa. Esta é a magistral grandeza da pessoa, que lhe confere a dignidade dum universo: e, apesar disso, a razão da sua humildade, porquanto todas as pessoas são mais numerosas do que as estrelas. É preciso descobrir dentro de nós, sob o amontoado das dispersões, o próprio desejo de procurar essa unidade viva, de longamente escutar as sugestões que ela nos murmura, de a experimentar no esforço e na penumbra sem nunca estarmos absolutamente seguros de a possuir — o que, mais do que qualquer outra coisa, se assemelha a um chamamento silencioso numa língua que passamos a vida a traduzir. Eis por que a palavra vocação lhe é mais adequada do que qualquer outra (1964, p. 92).

Ao designar a palavra vocação³⁸ como uma das dimensões da pessoa, o filósofo, quis expressar que cada ser humano carrega em si uma autenticidade, ou seja, cada ser porta em si uma originalidade, algo que é seu, pertencente a sua pessoa, o que Mounier vai chamar de ato próprio da pessoa (MOUNIER, 1964, p. 92). A vocação revela a transcendência do homem em meio ao mundo material, despertando um desejo de querer ir além das coisas, fazendo com que ele não se reduza a um imanentismo, mas que o impulse a buscar uma vida mais digna³⁹ de ser vivida. Desse modo,

A missão primeira do homem é a de descobrir progressivamente esta característica única que marca seu lugar e seus deveres na comunhão universal e de se consagrar, contra a dispersão da matéria, a esta unificação de si. Minha pessoa é em mim a presença e a unidade de uma vocação intemporal, que me incita a me superar indefinidamente e opera, através da matéria que a frange, uma unificação sempre imperfeita, sempre recomeçada, dos elementos que se agitam em mim (MOUNIER *apud* CHAIGNE, 1969, p. 69).

A vocação unifica o ser do homem contra toda dispersão que o fragmenta, fazendo-o corresponder aos seus anseios e indagações. Portanto, a proposta de Mounier é antes de tudo

³⁸ Afirma Emmanuel Mounier –só a pessoa encontra a sua vocação e talha o seu destino. Ninguém mais, seja homem, seja coletividade, lhe pode usurpar essa incumbência (MOUNIER, 1967, p. 94).

³⁹ Rocha comentando sobre esta dimensão diz: –reunindo os sentidos das palavras singularidade e autenticidade, o termo vocação acrescenta também o sentido de chamado à plenitude e busca de realização pessoal. Para Mounier, um Cristão entenderá claramente essa característica, uma vez que crê em um envolvente chamado de uma Pessoa (Deus); mas, para além de qualquer crença, esse sentido da palavra vocação expressa que há na pessoa uma espécie de sede de plenitude, um impulso para ir sempre além. Normalmente, sempre queremos melhorar, crescer em vários aspectos da nossa vida (no aspecto profissional, no amor, em nossas qualidades físicas ou morais) e isso expressa, de algum modo, esse movimento de ir sempre mais além, mas o sentido último, o que de fato pode levar à realização da pessoa, é o movimento para se tornar de fato pessoa, ser pessoa em plenitude. Por mais geral que essa compreensão de *vocação* possa parecer, perderá essa aparência se lembrarmos que, para Mounier, a pessoa é irrepetível e, de tal modo, esse –ser pessoa em plenitude possui sim traços compartilhados por todos, mas em cada pessoa trata-se de um *projeto* diferente. Mounier usa a palavra *destino* ao falar de *vocação*. A busca de uma vocação, nunca seguramente conhecida (singularmente), num projeto que sempre me pede mais um passo (ir além), expressa mais um sentido da vocação no pensamento de Mounier: manifestação do *dinamismo* pessoal. Se eu não possuo plenamente as coordenadas do caminho (destino) que tenho que seguir, se meu desejo íntimo é sempre ser mais (em plenitude), ir mais, é o movimento e não a estagnação a minha vocação. Veremos mais á frente que esse movimento não significa pura exteriorização, pois a pessoa se realiza num duplo movimento de interioridade e exterioridade” (ROCHA, 2011, p. 55).

fazer com que o homem se conheça e conhecendo a si mesmo, ele possa compreender o sentido da sua vida e da sua missão. Pode-se afirmar que a ideia de vocação apresentada por Mounier se assemelha ao ideal socrático do –conhece-te a ti mesmoll.

2.1.2 A encarnação

A segunda dimensão apresentada por Mounier é a encarnação. Mounier não defenderá (ou terá) uma postura monista (corrente filosófica que defende que a formação do homem é material ou espiritual) e nem uma postura dualista (corrente filosófica que defende a separação de corpo e espírito) sobre o mundo e a pessoa. No primeiro capítulo do livro: O Personalismo, o filósofo afirma:

Os modernos espiritualismos dividem o mundo e o homem em duas substâncias independentes, a matéria e o espírito. Uma vez aceitam como fato consumado a independência das duas substâncias (paralelismo psico-fisiológico) e, deixando a matéria entregue às suas fatalidades próprias, reclamam, no entanto, o direito de legislar em absoluto no reino do espírito: a junção dos dois mundos é então inexplicável. Outras vezes, negam qualquer realidade ao mundo material, que consideram simples aparência do espírito: importância dessa aparência assume, então, foros de paradoxo (1964, p. 39).

O personalismo mounieriano adotará como postura, o realismo integral ou como o próprio Mounier vai chamar: realismo personalista, cujo pensamento acredita que o homem é um ser formado por um corpo e por um espírito, duas realidades que não se separam, mas que são integradas. Dessa maneira, o homem é corpo e é integralmente espírito.

Essa perfeita unidade de corpo e espírito defendida por Mounier evitou o personalismo cair em graves erros da sua época. Erros que tendiam a olhar para o homem de maneira determinista e fragmentada, por apenas um aspecto e por apenas uma dimensão. O espiritualismo⁴⁰ e o materialismo são um dos exemplos desses erros. Como afirma Antônio Joaquim Severino:

⁴⁰ Recorremos ao dicionário de Filosofia para uma análise mais profunda da palavra espiritualismo e materialismo. Sobre espiritualismo: –entende-se por esse termo toda doutrina que pratique a filosofia como análise da *consciência*, ou que, em geral, pretenda extrair da consciência os dados da pesquisa filosófica ou científica. Essa palavra começou a ser utilizada no século passado por V. Cousin, que, no prefácio à edição de 1853 de sua obra *Du vrai, du beau et du bien*, assim escrevia: "Nossa verdadeira doutrina, nossa verdadeira bandeira é o Espiritualismo, essa filosofia tão sólida quanto generosa, que começa em Sócrates e Platão, que o Evangelho difundiu pelo mundo, que Descartes colocou nas formas severas do pensamento moderno, que no séc. XVII foi uma das glórias e das forças da pátria, que pereceu com a grandeza nacional no séc. XVIII e que no início deste século Royer Couard reabilitou no ensino público, enquanto Chateaubriand e Madame de Staël a transportavam para a literatura e para a arte. Essa filosofia ensina a espiritualidade da alma, a liberdade e a responsabilidade das ações humanas, as obrigações morais, a virtude desinteressada, a dignidade da justiça, a beleza da caridade; e além dos limites deste mundo mostra um Deus, autor e modelo da humanidade, que, depois

Tanto os espiritualismos como os materialismos não conseguem dar a visão total da pessoa que se pede à filosofia. O personalismo é a filosofia da existência que dá a solução mais convincente e total deste dilema aparentemente insolúvel. Consegue este -realismo personalista superar, de início, este dualismo pernicioso. O pensamento espiritualista havia separado tanto o espírito da matéria que acabou desconhecendo o enraizamento cósmico da pessoa. O corpo se tornara, para os espiritualismos, uma antítese do espírito, enquanto que para os materialismos, a realidade espiritual simplesmente não existia (1941, p.46).

de tê-la criado evidentemente para um propósito excelente, não a abandonará no desenrolar misterioso de seu destino. Em todas as suas formas, porém, o Espiritualismo tem em comum algumas teses fundamentais, que derivam do seu conceito da filosofia como análise da consciência e que podem ser assim resumidas: 1ª Negação da realidade do mundo externo, ou seja, o idealismo gnosiológico. Essa negação pode ser mais ou menos condicionada ou indireta, mas em última análise é inevitável, porque uma realidade exterior à consciência seria, por definição, inacessível a esta e contradiria o compromisso metodológico do espiritualismo. Logo, direta ou indiretamente, essa doutrina reduz a realidade a objeto imediato da consciência;

2ª Consequente redução da ciência a conhecimento falso, imperfeito ou preparatório. Os espiritualistas mais avisados, como Lotze e Bergson, reduziram a ciência a conhecimento preparatório.

3ª Inventário, na consciência, de dados aptos a construir o mundo da natureza e o mundo da história em seu caráter finalista ou providencial.

4ª Inventário, na consciência — e, portanto, no mundo da natureza e da história —, de dados que remontariam a Deus ou a um princípio divino em alguma de suas especificações que se ajustasse à tradição teológica do cristianismo.

5ª Defesa da tradição e das instituições em que a tradição se encarna, porquanto a tradição é interpretada como manifestação no mundo humano do mesmo princípio divino que se revela na consciência. A defesa das "boas causas", de que falava Cousin, na maioria das vezes se traduz em conservadorismo político (ABBAGNANO, 2007, pp. 356-357).

Sobre Materialismo: -este termo foi usado pela primeira vez por Robert Boyle em sua obra de 1674 intitulada *The Excellence and Grounds of the Mechanical Philosophy* (cf. EtJCKKN, *Geistige Strömungen der Gegenwart*, 5ª ed., 1916, p. 168). Esse termo designa, em geral, toda doutrina que atribua causalidade apenas à matéria. Em todas as suas formas historicamente identificáveis (em que esse termo não seja empregado com fins polêmicos), o Materialismo consiste em afirmar que a única causa das coisas é a matéria. A antiga definição de Wolff, segundo a qual são materialistas "os filósofos que admitem apenas a existência dos entes materiais, ou seja, dos corpos. O materialismo se divide em dois; Materialismo dialético e Materialismo histórico. O materialismo dialético: entende-se por essa expressão a filosofia oficial do comunismo enquanto teoria dialética da realidade (natural e histórica). Trata-se na realidade de um dialetismo naturalista, cujos princípios foram propostos por Marx (v. DIALÉTICA), desenvolvidos por Engels e depois, mais ou menos servilmente, seguidos pelos filósofos do mundo comunista, que são os únicos seguidos dos seguidores dessa filosofia. Segundo Engels. Hegel reconheceu perfeitamente as leis da dialética, mas considerou-as "puras leis do pensamento", já que não foram extraídas da natureza e da história, mas "concedidas a estas do alto, como leis do pensamento". Porém, "se invertermos as coisas, tudo se tornará simples: as leis da dialética que, na filosofia idealista, parecem extremamente misteriosas, tornam-se logo simples e claras como o sol" (*Anti-Dühring*), pref.). Segundo Engels, são três as leis: 1ª lei da conversão da quantidade em qualidade e vice-versa; 2ª lei da interpenetração dos opostos; 3ª lei da negação da negação. A primeira significa que na natureza as variações qualitativas só podem ser obtidas somando-se ou subtraindo-se matéria ou movimento, ou seja, por meio de variações quantitativas. A segunda lei garante a unidade e a continuidade da mudança incessante da natureza. A terceira significa que cada síntese é por sua vez a tese de uma nova antítese que dará lugar a uma nova síntese (ENGLIS, *Dialektik der Natm; passim*). Materialismo histórico: com este nome Engels designou o cânon de interpretação histórica proposta por Marx, mais precisamente o que consiste em atribuir aos fatores econômicos (técnicas de trabalho e de produção, relações de trabalho e de produção) peso preponderante na determinação dos acontecimentos históricos. O pressuposto desse cânon é o ponto de vista antropológico defendido por Marx, segundo o qual a personalidade humana é constituída *intrinsecamente* (em sua própria natureza) por relações de trabalho e de produção de que o homem participa para prover às suas necessidades. A "consciência" do homem (suas crenças religiosas, morais, políticas, etc.) é resultado dessas relações, e não seu pressuposto. Esse ponto de vista foi defendido por Marx sobretudo na obra *Ideologia alemã* (*Deutsche Ideologie*, 1845-46). Em vista disso, a tese do materialismo histórico é de que as formas assumidas pela sociedade ao longo de sua história dependem das relações econômicas predominantes em certas fases dela" (ABBAGNANO, 2007, pp. 651).

Outro aspecto importantíssimo dessa dimensão abordado pelo personalismo é a ressignificação do sentido do corpo. Eu não sou uma pessoa⁴¹ caída do céu, eu tenho um corpo, eu nasci em uma família, eu habito em um lugar, que tem uma cultura, que tem o seu jeito de viver, que possui suas regras e as suas normas, eu me relaciono com as pessoas. Como sustenta Mounier:

O meu feitio e a minha maneira de pensar são amoldados pelo clima, a geografia, a minha situação à face do globo, a minha hereditariedade, e, talvez, até, pela ação maciça dos raios cósmicos. Para além destas influências, temos ainda posteriores determinações psicológicas e coletivas. Nada há em mim que não esteja imbuído de terra e de sangue (MOUNIER, 1964, p. 40).

Todos esses aspectos são responsáveis por moldar o meu ser, formando assim a minha personalidade. Querer apagar isso ou negar esses aspectos é querer segundo Mounier, se condenar ao fracasso. Para o filósofo, reconhecer-se como um ser encarnado é de grande importância para sua condição enquanto pessoa⁴² é buscar compreender a sua vida, a sua história, a totalidade do seu ser. Assim,

a minha pessoa é encarnada. Ela não pode, pois, se libertar inteiramente, nas condições em que está colocada, das sujeições da matéria. Mais que isto, ela não pode se elevar senão através da matéria. Querer fugir a esta lei é, de antemão, se condenar ao fracasso: quem quer bancar o anjo, banca o tolo. O problema não é evadir-se da vida sensível e particular entre as coisas, limitadas no seio de sociedades através dos acontecimentos, mas transfigurá-las (MOUNIER *apud* CHAIGNE, 1969, p. 66).

No personalismo, compreender o sentido da encarnação⁴³ é condição para compreender o sentido da vida e principalmente o sentido da existência na terra. O corpo não é um mero instrumento ou cárcere da alma como temos na filosofia platônica segundo o

⁴¹ Afirma Mounier, –A pessoa não é –um cogitoll leve e soberano no céu das ideias, mas este ser pesado do qual somente uma forte expressão dará o peso; estamos embarcados num corpo, numa família, num meio, numa classe, numa pátria, numa época que não foram escolhidos por nós. —eu sou pessoa desde minha existência mais elementar e, longe de me despersonalizar, minha existência encarnada é fator essencial de minha situação pessoall (MOUNIER *apud* CHAIGNE, 1969, pp. 68-69).

⁴² Segundo Mounier, –a vida da pessoa, como se vê, não é uma separação, uma evasão, uma alienação, um domínio circunscrito, a que viesse apoiar-se de fora a minha atividade. É uma presença atuante no volume total do homem, toda a sua atividade está aí interessadal (MOUNIER, 1967, pp. 89-90).

⁴³ Neste parágrafo do livro o personalismo, Mounier explicitar bem o sentido do corpo: –Não posso pensar ser, nem ser sem o meu corpo: através dele, exponho-me a mim próprio, ao mundo, aos outros, através dele escapo à solidão dum pensamento que mais não seria do que pensamento do meu pensamento. Recusando-se a entregar-me a mim próprio, inteiramente transparente, lança-me sem cessar para fora de mim, na problemática do mundo e nas lutas do homem. Através das solicitações dos sentidos lança-me na eternidade. A sua servidão pesa-nos, mas ao mesmo tempo é base para qualquer consciência e para toda a vida do espirituall (MOUNIER, 1964, p. 40).

Fédon⁴⁴. O corpo faz parte da condição humana, da sua condição enquanto pessoa. O objetivo de Mounier não é fazer uma apologia do corpo em detrimento da alma, mostrando a superioridade do corpo sobre a alma, e nem uma supervalorização do imanente sobre o transcendente, mas, sobretudo resgatar o sentido do corpo para compreender o ser em sua inteireza. Algo que havia se perdido na sua época pelos meros discursos dualistas. O filósofo notou que, quando se valoriza somente o espírito tende-se a desprezar o corpo, e quando se valoriza o corpo tende-se a desprezar o espírito, gerando assim, um conflito inacabável. Dessa forma, a proposta de Mounier é propor uma perfeita unidade de corpo e espírito, sem elevar um e desprezar o outro, pois ambos são importantes para a construção da pessoa humana.

É importante ressaltar que o aspecto transcendental⁴⁵ do homem no personalismo mounieriano tem um espaço privilegiado. A transcendentalidade do homem sobre a natureza, segundo Mounier, –vem de sua capacidade distintiva de só ele conhecê-la e transformá-la, de sua exclusiva capacidade de amor, de liberdade, capacidade de superar o rígido determinismo que regula a natureza (SEVERINO, 1983, p. 46). O ser humano transcende⁴⁶ a natureza, transcende a matéria, assim a sua encarnação não é um fator que esconde a sua condição de ir além, mas ao contrário, revela um ser capaz de superar e ultrapassar os determinismos rígidos da vida cotidiana e ressignifica-lós dando um novo sentido para sua existência.

2.1.3 A comunhão ou comunicação

A terceira dimensão é chamada de comunhão ou comunicação, duas palavras que são caras para a filosofia personalista mounieriana, palavras que se tornam como a porta de entrada para a compreensão da pessoa. A pessoa desde a sua tenra idade, é comunicação, é um ser que está em constante relação com o outro, com o meio e com a sociedade. Dessa maneira, a comunicação é um fator primitivo ao ser. –A comunicação, isto é, a saída de si e a experiência do outro como pessoa, devem se realizar em diferentes planos que vão do casal à

⁴⁴ Fédon 64c.

⁴⁵ Sobre a importância de compreender o homem como um ser transcendente, diz o filósofo francês: –O personalismo reencontra a encarnação da pessoa e o sentido das suas servidões materiais, sem, no entanto, renegar a sua transcendência ao indivíduo e à matéria. Só ele salva ao mesmo tempo a realidade viva do homem e a sua condutoral (MOUNIER, 1967, p. 90).

⁴⁶ Diz Mounier, –finalmente, o homem é feito para ser ultrapassado. Ele caminha além da adaptação, além da morte individual, além do incontestável e do concluído. Alguns o projetam sobre a transcendência de um Absoluto, outros apenas além de si próprio, através de um poderoso movimento em que o espírito se faz reconhecer por seus sinais imediatos: interioridade, liberdade, generosidade. Este movimento de avançar sempre, que projeta o homem para fora de si, é a força coesiva que refaz perpetuamente o equilíbrio dialético de expansão e de interioridade (MOUNIER *apud* CHAIGNE, 1969, p. 69).

sociedade, da família à nação e ao mundo inteiro. Ela culmina na comunhão das pessoas realizada pelo amor (MOUNIER *apud* CHAIGNE, 1969, p. 67). Nota-se que a experiência da comunhão tem como finalidade a experiência do amor, que não para em si, mas que vai além do eu, buscando-se construir através da relação com o outro. O outro para filosofia personalista mounieriana ocupa um lugar importantíssimo, pois é a partir da minha relação com outro que vai se constituindo uma comunidade formada por pessoas que se respeitam, e se valorizam enquanto seres que estão em construção.

Mounier percebeu que além da carnificina e do aviltamento da pessoa, os regimes totalitários e as guerras mundiais trouxeram como vimos anteriormente um grande mal para o homem: o individualismo. A grande arma para superar esse mal seria voltar para algo primário da humanidade, algo que era comum em toda sociedade: a comunhão, força geradora de diálogo, partilha, respeito, tolerância e principalmente fraternidade, valores que podiam fazer toda a sociedade viver em harmonia. Para o personalismo, a comunhão é o remédio para sanar todos os males provenientes de uma fase difícil na história, é a chave que abre todas as portas combatendo todo tipo de incompreensão, de individualismo, de intolerância, de falta de dignidade, e é a ponte que une as pessoas e derruba as fronteiras, formando uma verdadeira comunidade de pessoas.

A primeira preocupação do individualismo é centrar o indivíduo sobre si mesmo; a primeira preocupação do personalismo é descentrá-lo, para colocá-lo nas perspectivas abertas pela pessoa. Pela experiência interior, a pessoa nos aparece como presença voltada para o mundo e para as outras pessoas, sem limites misturada a elas numa perspectiva de universalidade. As outras pessoas não limitam, fazem-na ser e crescer. Não existe senão para os outros, não se conhece senão pelos outros, não se encontra senão nos outros. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa (MOUNIER *apud* CHAIGNE, 1969, p. 67).

Dentro dessa dimensão da comunicação, Mounier apresenta cinco pontos essenciais na formação da pessoa:

1º— *Sair para fora de nós próprios*: A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para se tornar disponível aos outros. Os antigos falavam da luta contra o amor-próprio; nós chamamos-lhe hoje egocentrismo, narcisismo, individualismol. 2º— *Compreender*. Deixar de me colocar sempre no meu próprio ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros. Não conhecer os outros apenas com um conhecimento geral, mas captar com a minha singularidade a sua singularidade, numa atitude de acolhimento e num esforço de recolhimento. 3º— *Tomar sobre nós, assumir o destino*, os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros. 4º— *Dar*. A força viva do ímpeto pessoal não está, nem na reivindicação (individualismo pequeno-burguês), nem na luta de morte (existencialismo), mas na *generosidade* e no *ato gratuito*, ou seja, numa palavra, na dádiva sem medida sem esperança de recompensa. 5º — *Ser fiel*. A aventura da pessoa é uma aventura constante desde o nascimento à morte. As dedicações

pessoais, amor, amizade, só podem ser perfeitas na continuidade. Essa continuidade não é uma exibição, uma repetição uniforme, como sucede na matéria ou nas generalizações lógicas, mas um contínuo renovamento. A fidelidade pessoal é uma fidelidade criadora (MOUNIER, 1964, p. 65).

Estes cinco pontos da comunicação apresentados por Mounier, revela a grande missão do personalismo na busca pela construção de comunidade de pessoas. Sendo a pessoa um ser que está em construção e apreendendo a ser pessoa com as outras pessoas, ela precisa dar passos para compreender a si mesmo e o outro, para assim se tornar uma comunidade autêntica. A proposta mounieriana é afastar todo tipo de indiferentismo que deixou chagas profundas na humanidade.

2.2 A construção da pessoa humana⁴⁷

Segundo Mounier, a estrutura da pessoa humana não é algo dado, pronto e acabado em si, mas é construído cotidianamente nas relações existenciais de cada pessoa. O universo pessoal é o universo da pessoa e é a única –realidade que conhecemos e que, simultaneamente, construímos de dentro (MOUNIER, 1964, p. 19). Entende-se por universo pessoal, tudo o que constitui as características da pessoa humana: seu caráter, suas ações, seu engajamento, sua liberdade, sua responsabilidade, sua capacidade de escolher, de decidir e principalmente sua singularidade, aspectos que forjam a personalidade de cada pessoa.

Para existir plenamente é ainda preciso agir, pois é na espessura da ação que se trama a existência. Agir para transformar a realidade exterior, para se autoconstruir, para aproximar as pessoas entre si e para aumentar o universo dos valores. O universo pessoal exige intrinsecamente o engajamento do homem. Recusa-lo seria recusar a própria condição humana (SEVERINO, 1983, p. 14).

O universo pessoal é visto por Mounier como ponto de partida para compreensão da pessoa, que por sua vez, está em constante construção. Essa construção é um processo que parte de uma perspectiva que coloca a pessoa à frente dos desafios da sua existência⁴⁸, a partir

⁴⁷ Ao utilizar a palavra construção, o filósofo francês, não quis designar uma nova definição ou um novo conceito da essência da pessoa humana, mas sim, indicar um aspecto da sua formação.

⁴⁸ Sobre esse ponto diz Antonio Joaquim Severino: —A existência da pessoa é uma existência dialética, isto é, ela não se prende a um dado definitivo. Por isso, não se reduz a uma natureza substancial, a um esquema fixo e rígido de ser. A existência pessoal não é o desenvolvimento mecânico de potencialidades predeterminadas ou predefinidas, mas uma contínua pulsação, uma ininterrupta disputa entre a exteriorização e a interiorização. A pessoa se expõe, ela afronta, existe projetando-se fora de si face ao real, mas ao mesmo tempo ela se retoma, concentra-se sobre sua própria interioridade, é afirmação e negação sucessivas de si mesma; é abertura para o outro sem se perder. Mas é também construir-se, assim como ao outro a ao mundo, é personaliza-se continuamente, superando-se e transcendendo-se (SEVERINO, 1983, p. 14).

de cada conflito exterior e interior, do autoconhecimento de si, dos enfrentamentos com o meio, do encontro com o outro e do desapego de si, é dessa maneira que vai se forjando a pessoa humana. Assim, a construção⁴⁹ da pessoa humana é: abertura, afrontamento, exposição, progressão, submeter à facticidade, a temporalidade, a contingência, o confronto com o outro e com o meio, todos esses elementos são essenciais e fazem parte da construção do universo da pessoa (SEVERINO, 1983, p. 14).

2.2.1 A liberdade como caminho para a construção da pessoa humana

O tema da liberdade é um dos temas centrais do personalismo mounieriano e se encaixa de maneira primordial nesse processo de construção da pessoa. Mounier diz que a liberdade é –constitutiva da existência criadall (1964, p. 25), ou seja, ela faz parte da condição humana, o homem foi criado para ser livre. Portanto, é impossível conceber um resgate da pessoa em sua inteireza proposto pelo personalismo anulando a sua condição de liberdade. Afirma Mounier, –se não existe liberdade, quem somos nós? Joguetes em pleno universo. A liberdade é afirmação da pessoa, vive-se, não se vêll (1964, pp. 109-110). Dessa forma, é a liberdade que garante a afirmação da vida que é vivenciada no seu cotidiano.

Sem liberdade seria impossível o homem trilhar os passos das dimensões da sua formação, pois todas elas estão atreladas a uma livre adesão do seu querer. Assim, tudo aquilo que o impede de escolher e de decidir se torna uma alienação; um tipo de força totalitária e determinista que tende a suprimir a pessoa. Segundo o filósofo francês, até mesmo Deus que criou o homem, poderia controlar todas as suas ações para evitar o pecado, mas preferiu que o homem fosse livre, sendo capaz de amadurecer para tomar consciência de suas próprias ações.

Deus teria podido criar num momento uma criatura tão perfeita quanto pudesse ser. Preferiu que fosse o homem o chamado a amadurecer livremente a humanidade e os efeitos da vida divina. O direito de pecar, ou seja, de recusar o seu destino, é essencial ao pleno uso da liberdade. Longe de ser um escândalo, antes seria a sua ausência que alienaria o homem. (MOUNIER, 1964, p. 25).

O pensamento de Mounier diverge do pensamento sartreano sobre a liberdade. Segundo Sartre, –estamos condenados a sermos livresll, ou seja, somos responsáveis por toda a nossa existência no mundo, seja ela boa ou ruim. A liberdade é vista por Sartre, como uma escolha penosa e cruel para o homem, por isso, se é condenado e julgado por tudo o que se

⁴⁹Afirma Adão Peixoto, —entretanto, estas capacidades não são dadas, são construídas nas relações que o homem, mantém consigo, com os outros, com Deus, com o meio natural e socialll (2010, p. 460).

faz, assim, a liberdade não é motivo de se tornar livre. Já para Mounier, –a liberdade não está ligada ao ser humano como uma condenação é-lhe proposta como um dom. Pode aceitá-la ou recusá-la. O homem livre é o homem que pode prometer e o homem que pode trair (G. Marcel) (MOUNIER, 1964, p. 112). Ao conceber a liberdade⁵⁰ como um dom à luz do pensamento de Gabriel Marcel, Mounier, tira a imagem negativa, cruel e infeliz da liberdade e a põe como possibilidade para o homem ser feliz, ou seja, a vivência da liberdade é um caminho para a felicidade.

Outro ponto que Mounier diverge de Sartre é sobre o papel do outro na constituição da pessoa. Sartre defende a ideia que o outro impede de ser quem eu sou, suprimindo o meu ser. Segundo Mounier, Sartre afirma que o outro é envolvido pelo desejo de possuir e de submeter, como se toda pessoa fosse –necessariamente, ou um tirano, ou um escravo. O olhar dos outros rouba-me o meu universo, a presença dos outros detém a minha liberdade, a sua escolha paralisa-me. O amor é uma infecção mútua, um inferno (MOUNIER, 1964, p. 60).

Na visão personalista, o outro não é um inferno, o outro é relação; é com o outro que eu me constituo e aprendo a ser pessoa; ele não me atrapalha, mas me ajuda a ser, colaborando na construção do meu universo pessoal. De acordo com Emmanuel Mounier:

A pessoa surge-nos como uma presença voltada para o mundo e para as outras pessoas, sem limites, misturada com elas numa perspectiva de universalidade. As outras pessoas não a limitam, fazem-na ser e crescer. Não existe senão para os outros, não se conhece senão pelos outros, não se encontra senão nos outros. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. O *tu* e, adentro dele, o *nós*, precede o *eu*, ou pelo menos acompanha-o (MOUNIER, 1964, p. 63-64).

Para Mounier, o ser humano não foi feito para viver na solidão, mas para viver em comunidade. É um ser para os outros, por isso o tu antecede o eu, formando o nós, sendo que esse nós não é coletivismo ou massificação e nem anulação da minha singularidade, do meu universo pessoal, ou da minha liberdade, mas espaço para afirmação do meu ser.

Para o personalismo, a liberdade é como uma força que contagia⁵¹ todas as pessoas. Neste sentido, a pessoa se torna livre à medida em que as outras pessoas também se tornam

⁵⁰ Afirma Mounier, –a nossa liberdade é liberdade de pessoas situadas, e é também liberdade de pessoas valorizadas. Não sou livre apenas porque exerço minha espontaneidade, torno-me livre se der a essa espontaneidade o sentido duma libertação, ou seja, duma personalização do mundo e de mim próprio. Da espontaneidade da existência à liberdade há, pois, aqui, uma nova instância, a que separa a pessoa implícita, à beira do ímpeto vital, da pessoa que por seus atos amadurece na espessura cada vez maior da existência individual e coletiva. Por isso, não posso dispor arbitrariamente da minha liberdade, embora o ponto onde com ela me confundo esteja inserido no mais fundo de mim próprio. A minha liberdade não é somente manifestação espontânea, mas antes dirigida, ou, ainda melhor, invocada (MOUNIER, 1964, p. 119).

⁵¹ Para Mounier, –a liberdade da pessoa cria à sua volta liberdade, por uma como que leveza contagiosa – tal como inversamente a alienação engendra a alienação (MOUNIER, 1964, p. 115).

livres, ou seja, a minha liberdade gera liberdade para o outro. Pode-se afirmar que o contrário da liberdade é a alienação, força dominante que faz da pessoa marionete, suprimindo o seu direito de escolher, decidir e falar, tão usada pelos regimes totalitários. Para Mounier, a liberdade é uma leveza tão contagiosa, que cria liberdade ao seu redor, é algo que todos os seres humanos buscam para sua vida. Esse aspecto, pois, é visto a partir de uma perspectiva comunitária. Assim, lutar pela minha liberdade é lutar também pela liberdade do outro, sendo, a minha liberdade uma liberdade corresponsável, eu me responsabilizo pelo outro que também faz parte da minha existência. Portanto, essa condição humana de liberdade⁵² deve ser assumida por todos, de forma comunitária, mas sem suprimir a singularidade, a espontaneidade e as características de cada pessoa, ou seja, o seu universo pessoal.

Neste sentido, além de ser assumida de uma forma comunitária, a liberdade deve ser também uma opção pessoal, que parte de um desejo⁵³ e de uma experiência de liberdade da própria pessoa, pois segundo Mounier, –é a pessoa que se faz livre, depois de ter escolhido ser livre. Em parte nenhuma encontrará a liberdade dada e constituída. Nada no mundo lhe garantirá que ela é livre se não entrar audaciosamente na experiência da liberdade! (1964, p. 112). Desta maneira, a liberdade proposta pelo personalismo é uma liberdade assumida pela própria pessoa, mas é também, sobretudo, uma liberdade que a torna responsável por ela e também pelo mundo formado por outras pessoas. Por isso, como afirma Mounier é uma liberdade que uni e não isola:

O movimento de liberdade é também repouso, permeabilidade, disponibilidade. Não é somente ruptura e conquista, é também e finalmente adesão. O homem livre é um homem que o mundo interroga e que responde; é o homem *responsável*. A Liberdade, assim entendida, não isola, mas une, não permite a anarquia. Não é o ser da pessoa, mas o modo como a pessoa é tudo o que é, e é-o mais plenamente do que por necessidade (MOUNIER, 1964, p. 121).

Portanto, a liberdade da pessoa humana defendida pelo personalismo é uma liberdade que busca afirmar o valor da pessoa humana, a sua dignidade, a sua transcendência, a sua integralidade, a sua singularidade, o seu direito de escolher, a sua responsabilidade, a sua

⁵² Sobre a liberdade da pessoa afirma o filósofo francês Jacques Maritain; –em cada um de nós, a personalidade e a liberdade de independência tornam-se maiores conjuntamente. Porque o homem é um ser em movimento. Se não adquire, não só nada tem, como perde aquilo que tinha. Tem que conquistar o seu ser. Toda a história da sua miséria e da sua grandeza é a história do seu esforço para conquistar, com a sua própria personalidade, a liberdade de independência. O homem é chamado à conquista da liberdade! (MARITAIN, 1960, p. 23).

⁵³ Assim diz Mounier (1964, p. 121) –quando perdem a paixão da liberdade, já não sabem edificar liberdades. Não se dá a liberdade aos homens, do exterior, com facilidades de vida ou com constituições; adormecem nas suas liberdades e acordam escravos!.

capacidade de transformar o mundo, um ser que não é um objeto e nem um meio, mas um ser que possui um *telos*.

3 A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA PERSONALISTA DE EMMANUEL MOUNIER

“O futuro da humanidade está nas mãos daqueles que são capazes de transmitir às gerações do amanhã razões de vida e de esperança”.
São João Paulo II

Podemos afirmar com toda certeza que a grande contribuição do personalismo foi assegurar acima de tudo a sacralidade da vida humana contra todo e qualquer pensamento totalitário, massificador e individualista crescente na sociedade ocidental, o que possibilitou olhar para a pessoa humana mais de perto e com bastante zelo. Embora não se preocupasse em construir sistemas ou dogmas filosóficos, seu trabalho foi exercer uma filosofia do pensamento, da ação e do engajamento em vista de um profetismo pelo resgate da pessoa humana. Por sua vez, para que isso pudesse ser concretizado era necessário segundo o filósofo francês, construir uma civilização personalista, cujas estruturas políticas, econômicas e éticas buscassem ter como finalidade a valorização e a compreensão da pessoa humana. Utópico para uns, idealista para outros, mas para Emmanuel Mounier o melhor caminho para edificação da existência humana. Neste terceiro capítulo, abordaremos as contribuições da filosofia personalista mounieriana, sobretudo como ela possibilitou a compreensão do homem contemporâneo, inspirando mais tarde a criação de uma ética e de uma educação mais personalista.

3.1 A educação personalista

Mounier percebeu que a educação do seu tempo já não estava mais exercendo o seu papel de educadora para a vida, mas apenas ensinando práticas e técnicas científicas, ideologias totalitárias e instruções profissionais sem nenhum compromisso e nenhuma responsabilidade para com a existência humana, gerando assim, uma educação sem ação, estéril, e, portanto, sem frutos. Por isso, o papel principal da educação segundo o personalismo, vai ser o de personalizar cada pessoa. Afirma Mounier:

A educação que hoje em dia é distribuída prepara o pior possível para uma tal cultura da ação. A universidade distribui uma ciência formalista que conduz ao dogmatismo ideológico ou, por reação, à ironia estéril. Os educadores espirituais conduzem na maior parte dos casos a formação moral para o escrúpulo ou para o

caso de consciência, em vez de a encaminharem para o culto da decisão. É todo um clima a modificar, se não quisermos ver mais os nossos intelectuais a dar o exemplo da cegueira e, os mais conscienciosos, da covardia (MOUNIER, 1967, p. 167).

Portanto, uma cidade que se proponha estabelecer uma educação com base na filosofia personalista, ou seja, uma educação que tem como finalidade a formação da pessoa humana em sua inteireza deverá começar esse trabalho na primeira fase da pessoa: a infância, pois esta é uma fase propícia no qual os principais valores poderão ser plantados e depois colhidos no futuro. A partir do pensamento personalista, educar é preparar a pessoa para o não conformismo com o meio, é buscar uma liberdade que o torna responsável e que a compromete. Para isso, o filósofo francês apresenta três passos essenciais para estabelecer uma educação personalista:

- I. A educação não tem por fim moldar a criança ao conformismo de um meio social ou de uma doutrina de Estado.
- II. A atividade da pessoa é liberdade, e conversão à unidade de um fim e de uma fé. Se, por consequência, uma educação fundada na pessoa não pode ser totalitária, o certo é que não pode deixar de ser total.
- III. A criança deve ser educada como uma pessoa, pelas vias da prova pessoal e da aprendizagem do livre compromisso (MOUNIER, 1967, p. 97).

A educação para o personalismo, não deve permanecer somente no âmbito do conhecimento, como distribuidora de matérias e disciplinas⁵⁴, ou restringir-se a uma mera preparação profissional, mas deve ter como meta principal o despertar e o desabrochar da pessoa em sua totalidade, fazendo com que ela tenha consciência da sua existência, que é imanência e transcendência. Por isso, a escola deverá frisar a sua educação sobretudo na transformação da vida, ou seja, ensinando e ajudando cada pessoa a encontrar o seu caminho e o seu lugar na sociedade. Por sua vez, isso não seria um papel somente do educador, mas também dos pais.

Na concepção de Emmanuel Mounier, a escola não pode visar, primeiramente, à instrução nem à preparação pura e exclusiva duma profissão ou do desenvolvimento de determinada função social nem do desenvolvimento duma personalidade. A meta de toda educação é o –despertar|| da pessoa (...), o desabrochar duma existência verdadeiramente humana, que é imanência e transcendência, e seu ser não pertence a ninguém, senão a ela mesma (LORENZON, 1996, p. 61).

⁵⁴ Afirma Alino Lorenzon: —A finalidade da educação e da escola, segundo o pensamento de Emmanuel Mounier, não consiste na aquisição dum volume de informações e de habilidades, nem na preparação profissional ou no desempenho duma função social, e sim no –despertar da pessoa||. O ser humano, enquanto imanência e transcendência, realidade individual e comunitária, merece, conseqüentemente, muito mais em termos de educação. Nessa linha de pensamento, o educador deverá ter ciência de que não desempenha apenas uma função, mas que é, antes de tudo, um testemunho (LORENZON, 1996, p. 61).

A criança se esforça, desde o desabrochar de sua existência, por se situar no seu ambiente; e o papel dos pais e do educador consiste exatamente em ajudá-la a encontrar seu lugar e o seu caminho (LORENZON, 1996, p. 66).

Neste sentido a educação personalista passa de uma simples aquisição de conteúdos e de um aglomerado de informações, para uma aquisição de valores e princípios, que é atestada antes de tudo pelo exemplo e pelo testemunho do educador à frente de seus educandos. Deste modo, –o educador deverá ter ciência de que não desempenha apenas uma função, mas que é, antes de tudo, um testemunho (LORENZON, 1996, p. 67). Para o pensamento personalista, a educação e a formação chegam a se misturar formando um elo, isto indica que formar educacionalmente é –constituir, compor, ordenar, fundar, instruir, colocar-se ao lado de, desenvolver-se, dar-se a um ser (SEVERINO *apud* ALMEIDA, 2010, p. 161). Dessa forma, a educação personalista transforma não só a pessoa, mas sobretudo a sociedade em que ela está inserida.

3.2 A ética personalista: uma ética comunitária

Na história da filosofia, o tema sobre a ética e a moral foi motivo de muitas reflexões e de muitos debates filosóficos. O grande filósofo da Grécia antiga, Aristóteles, apresentou uma ética eudaimônica, pautada na felicidade, sendo a busca da excelência, ou seja, a busca de uma vida virtuosa como caminho para o homem ter uma vida feliz. Por sua vez, o filósofo da modernidade, Kant, apresentou uma ética deontológica, fundamentada no dever. Todos estes sistemas de certo modo acabaram marcando e influenciando o pensamento de vários filósofos posteriores.

É perceptível na filosofia personalista de Emmanuel Mounier esta atenção em estabelecer uma ação personalista que buscasse defender os valores essenciais da vida humana e compreende-la em todos os seus aspectos, isso não deixa de ser sobretudo, uma tentativa do personalismo retornar a uma ética mais humana, que olhasse para o homem contemporâneo mais de perto e com bastante profundidade, mas sem trata-lo como um objeto. Visto que, a pessoa –é exatamente aquilo que em cada homem não é passível de ser tratado como objeto (MOUNIER, 1967, p. 18).

Assim, essa preocupação em defender a vida humana em todas as suas dimensões e a tentativa de retomar a um ideal comunitário que afirmasse o valor do ser humano, parece de certa forma uma busca do personalismo em querer resgatar os valores essenciais que haviam

se perdido, como o altruísmo, a solidariedade, o respeito e a dignidade da pessoa, que estavam sendo sufocados pelo reinado do individualismo. Valores esses, segundo Mounier, que tinham marcado a sociedade ocidental pela matriz cristã, e que agora estavam entrando em colapso. De acordo com Mounier (1967, p. 83), –as pessoas sem os valores não existiriam plenamente (1967, p. 83), pois, –o seu verdadeiro lugar é o coração vivo das pessoas. Dessa maneira, podemos notar que os valores se tornam para as pessoas motivo de sentido para sua existência, para viver uma vida plena, mas, uma vez que eles não são cultivados e até mesmo praticados torna-se motivo de morte e decadência da vida humana. Pois uma vida sem sentido é como viver sem um caminho a caminhar, sem uma meta a alcançar e sobretudo, sem uma missão a cumprir.

A ética personalista é compreendida dentro de um aspecto comunitário. A comunidade é o lugar da ética, pois é nela onde cada pessoa é formada e compreendida, é aceita não porque está pronta e acabada, mas porque está em construção como as outras pessoas. É na comunidade onde cada pessoa é valorizada e vista singularmente, onde os valores são fecundados e cultivados, onde a relação com o outro deve ser preservado e incentivado para que se possa se tornar pontes e não fronteiras, pois o ser humano é comunicação, é comunhão, é um ser para o outro.

Dessa forma, pode-se notar que o outro tem um papel importante na constituição da ética personalista. –As outras pessoas não a limitam, fazem-na ser e crescer. A experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa. o *tu* e, adentro dele, o *nós*, precede o *eu*, ou pelo menos acompanha-o (MOUNIER, 1964, p. 63-64). Por isso, a grande luta do personalismo vai ser sempre contra toda onda individualista que tende a isolar as pessoas umas das outras, transformando-as em ilhas. De acordo com Mounier (1964, p. 61):

O individualismo é um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa. Foi a ideologia e a estrutura dominante da sociedade burguesa ocidental entre o século XVIII e o século XIX. Homem abstrato, sem vínculos nem comunidades naturais, deus supremo no centro duma liberdade sem direção nem medida, sempre pronto a olhar os outros com desconfiança, cálculo ou reivindicações; instituições reduzidas a assegurar a instalação de todos estes egoísmos, ou o seu melhor rendimento pelas associações viradas para o lucro; eis a forma de civilização que vemos agonizar, sem dúvida uma das mais pobres que a história jamais conheceu. É a própria antítese do personalismo e o seu mais direto adversário.

A constituição de uma ética fundamentada na alteridade e na responsabilidade⁵⁵ com base numa estrutura comunitária, não foi algo inédito e nem algo de novo que Emmanuel Mounier pensou, outros filósofos já tinham pensado e escrito algo, mas o que nos chama mais atenção é a sua tentativa de reafirmar e estabelecer uma ação personalista que buscasse afirmar uma ética comunitária pautada no compromisso com o outro, a fim de legislar todo o comportamento individualista (LORENZON, 1996, p. 80). Como bem explicitar Severino falando da ética personalista:

Este é o sentido da filosofia moral de Mounier: a ação será sempre um compromisso entre as exigências da transcendência humana, significada pelos valores, e as imposições da imanência, transcritas nos determinismos concretos das situações. Assim a pessoa situada, interpelada pelos valores, é responsável pela constituição de seu pessoal e comunitário. Daí uma perspectiva estritamente ética e uma perspectiva política (SEVERINO, 1983, p. 142).

Portanto, a ética personalista possui este legado da ação que não se perde na imanência, mas que possui a sua unidade perfeita com os valores transcendentais, possibilitando ao homem um papel de protagonista na sua constituição em quanto ser livre e responsável por ele e pelos outros.

Nessa mesma esteira, a ética personalista proporcionou uma luz para a bioética cristã, clareando alguns aspectos do ser humano ainda incompreensíveis e obscuros. A bioética⁵⁶ é um ramo da ética que nasceu no século XX com o objetivo de solucionar e resolver os conflitos existentes da vida humana, resultante dos avanços científicos e das técnicas desumanas usadas no campo da medicina, da farmácia e da biologia, como, por exemplo, o aborto, a eutanásia, a clonagem e a fertilização in vitro. Desse modo, se fez necessário estabelecer uma ética que olhasse mais de perto para essas realidades que estavam causando grandes impactos na vida das pessoas.

Assim, as definições e os estudos trazidos pelo personalismo acerca da pessoa humana trouxeram para a bioética cristã um olhar mais profundo para as realidades humanas ainda mal compreendidas e pouco aprofundadas. A dimensão antropológica da pessoa como a corporeidade, a integralidade, a transcendência e a imanência, o seu caráter e personalidade, e

⁵⁵ Afirma Severino: -Chamando de ética, em sentido bem geral, a ação que deve levar o homem a constituir seu destino na perspectiva de sua situação e dos valores, pode-se dizer que o personalismo é essencialmente uma ética, fundada nas dimensões ontológicas de sua metafísica da pessoa. Mas trata-se de uma ética da responsabilidade (SEVERINO, 1983, p. 142).

⁵⁶ Este termo foi utilizado pela primeira vez na década de 70 pelo professor e pesquisador norte-americano Van Rensselaer Potter, no seu livro 'Bioética: Ponte para o Futuro' e significava a conduta da sociedade como participante da evolução cultural e biológica.

temas como a dignidade, a liberdade, o compromisso, a responsabilidade começaram a ganhar mais espaços proporcionando novas reflexões. Como afirma Rampazzo (2014, p. 339),

A bioética de inspiração personalista pressupõe uma leitura antropológica caracterizada pela centralidade da pessoa que considera o homem não como uma coisa, mas como um sujeito individual irrepitível, um –queml, na sua estrutura mais completa de corpo, psique e espírito, que pode ser compreendido nos seus sentimentos, na sua afetividade, no seu coração, na sua capacidade de relacionar-se com os outros e com o mundo, na sua liberdade e na sua capacidade de amar. Tudo isso irá se refletir, às vezes de maneira dramática, na decisão de ações às faces e terminais da vida, na experiência da dor, da enfermidade e da morte e também nas relações interpessoais-profissionais da área médica.

Dessa forma, como abordou à cima Rampazzo, a bioética de inspiração personalista proporcionou um olhar mais humano para o homem e trouxe para a bioética a missão de lutar pela sacralidade da vida humana, que por sua vez, é inalienável, insubstituível e que jamais poderá ser um objeto de manipulação científica.

3.3 A ação personalista: Tendências de despersonalização e de personalização

Por designar uma filosofia do pensamento e da ação ancorada no viés do engajamento, a ação personalista é sobretudo, uma tentativa de torna real aquilo que se pensa. –Não basta compreender, é preciso *fazer*. O nosso fim, o fim último, não é desenvolver em nós ou em torno de nós o máximo de consciência, o máximo de sinceridade, mas assumir o máximo de responsabilidade e transformar o máximo de realidade, à luz das verdades que tivermos reconhecido (MOUNIER, 1967, p. 297). O nosso objetivo nesse ponto, não é esgotar as várias formas da ação personalista, mas apenas apresentar as que são principais para o personalismo.

Segundo o filósofo francês, o mundo moderno com a ideia de sujeito foi um dos responsáveis por gerar a despersonalização do ser humano. Com a ideia de um eu constituidor de tudo e que é capaz de representar todas as coisas de forma individual e segura, provocou a despersonalização da pessoa humana e principalmente a perda do sentido comunitário. O eu agora, passa a agir de forma autônoma e independente. Essa despersonalização apontada por Mounier vem acompanhada com a perda do ser pessoa no sentido integral: corpo e alma; vem acompanhada com a fragmentação da identidade pessoal humana, isto é, a pessoa não tem mais rosto, não possui mais caráter, e principalmente vem acompanhado da perda do sentido comunitário: a pessoa não precisa mais das outras pessoas, ela é o centro de tudo, gerando

assim, os grandes vírus combatidos pelo personalismo: o egoísmo e o individualismo. Afirma Emmanuel Mounier (1967, p. 108):

a despersonalização do mundo moderno e a decadência da ideia comunitária são para nós uma única e mesma coisa. Tanto uma como outra vêm a dar no mesmo subproduto de humanidade: a sociedade sem rosto, feita de homens sem rosto, o — mundo do se, onde flutuam, entre indivíduos sem caráter, as ideias gerais e as opiniões vagas, o mundo das posições neutras e do conhecimento objetivos.

O primeiro efeito negativo da despersonalização é transformar a pessoa humana em massas e aglomerados humanos, anulando o seu caráter singular e a sua liberdade de ser quem ela é. De acordo com o filósofo francês, —massa caracterizar-se por um misto singular de anarquia e de tirania, pela tirania do anônimo, de toda a mais vexatória, porquanto mascara todas as forças, essas sim, autenticamente denomináveis, que se cobrem da sua impersonalidade (1967, p. 108).

Assim, além de transformar as pessoas em massa, a despersonalização tira a sua singularidade pessoal, o seu jeito de ser autêntico e único. —Subtrai a pessoa, fragmentando em vez de unificar e integralizar. Dessa forma, seria impossível fundar uma comunidade subtraindo a pessoa, ainda que a coberto de pretensos valores humanos, desumanizados porque despersonalizados (MOUNIER, 1967, p. 113).

Uma vez que a despersonalização fragmenta a pessoa, a personalização unifica e torna aquilo que ela sempre foi: pessoa. Um ser transcendente⁵⁷ e imanente, dotado de corpo e alma, capaz de transformar a realidade, possuidor de uma liberdade que o torna responsável. Um ser que está em constante relação com outro e com o meio. A personalização revela ao próprio homem quem ele é, sendo, portanto, uma atividade de autocriação e de autoconhecimento do ser. Afirma Mounier (1964, p. 20):

É uma atividade vivida de autocriação, de comunicação e de adesão, que em ato, *como movimento de personalização*, alcançamos e conhecemos. Uma tal experiência ninguém pode ser condicionado, nem constrangido. Aqueles que mais integralmente a realizam vão atraindo outros à sua roda, despertam os que dormem, e assim, de apelo em apelo, humanidade vai-se libertando do sono em que vegetava e que ainda a amortece.

⁵⁷ Afirma Severino (1983, p. 140): —é a própria condição ontológica da pessoa uma transcendência imersa numa imanência, é sua própria condição estrutural, essencialmente dinâmica, que dará ao agir humano seu caráter intencional. O agir é, com efeito, a própria via da personalização. Será pela ação que a pessoa manifestará seu ser e criá-lo-á. Enriquecendo-o na temporalidade de sua existência.

Neste mesmo viés, Mounier apresenta três pontos essenciais para a ação personalista: O como proceder, o que fazer e o com quem. No ‘como proceder’, Mounier indica a tomada de consciência; ser antes de fazer, conhecer antes de agir (1967, p. 299-302). Sobre o segundo ponto, ‘o que fazer’, Mounier apresenta o compromisso pessoal, que parte de uma inquietação que busca palavras, atos, gestos e princípios de unidade que se fundamenta sobre o compromisso. Neste mesmo ponto, Mounier indica a atitude de ruptura como uma forma de romper com os sistemas políticos corroídos e corruptos, que tendem a estabelecer depressa apenas uma boa consciência nos momentos perturbados (1967, p. 307-310). No terceiro ponto, ‘o com quem’, Mounier responde, –uma ação personalista está a serviço de todas as pessoas; não pode ela cobrir nenhum interesse parcial, nenhum egoísmo de classe, ainda quando se trate da classe mais necessitada, (1967, p. 314) Dessa forma, a ação personalista é antes de tudo uma atitude otimista que acredita na transformação feita a partir de novas posturas que as pessoas vão assumindo em suas vidas. Como afirma Mounier –talvez seja longo o caminho que leva à salvação, mas a salvação da pessoa não se alcança por qualquer caminho (1967, p. 319). Assim, a ação personalista não está preocupada simplesmente com o agir de cada pessoa, mas, sobretudo na ação que se concretiza na salvação de cada ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do que já foi abordado, pode-se perceber que o caminho que Emmanuel Mounier fez com o personalismo para tornar a pessoa humana mais compreendida e mais valorizada, foi antes de tudo um ponto de partida e não um ponto de chegada, pois, por mais que a Filosofia Personalista buscasse definir a pessoa humana em sua totalidade não iria abarcar toda a sua grandeza e esgotar as inúmeras formas de compreendê-la e explicar o seu processo de formação e construção.

Por conseguinte, a tentativa de definir e compreender a pessoa humana em sua inteireza não foi à principal meta do personalismo de Emmanuel Mounier, pois ele sabia que a pessoa humana não é como um objeto que pode ser definido com certo rigor, e que também, não é fruto de uma experiência totalmente espiritual pura, desprendida do trabalho da razão e dos elementos sensíveis. A sua tentativa foi acima de tudo, oferecer uma resposta convincente sobre a grande crise humanitária do século XX, que estava se instalando na Europa Ocidental, uma resposta, pois, que não se apoiasse nem no moralismo e nem no marxismo, mas que olhasse para a pessoa humana em sua integralidade.

Dessa forma, antes de ser uma filosofia propriamente dita, como afirmou Jean Lacroix, o Personalismo mounieriano foi, sobretudo, uma voz profética, que gritou ao mundo para afirmar a sacralidade da vida humana, para dizer o quanto ela é bela, que possui um valor absoluto, que cada pessoa é um ser único, singular, insubstituível, inalienável, que nunca poderá ser tratado como um meio por uma coletividade, ou ser massificado por uma ideologia, e que ao mesmo tempo em que é desvelado se torna também um profundo mistério ao próprio homem. Portanto, a Filosofia Personalista de Emmanuel Mounier procurou dar ao homem uma forma de compreender-se a si mesmo, possibilitando-o investigar o mistério da sua existência e encontrar nele um sentido no mundo, sobretudo, proporcionando-o uma nova compreensão da sua formação e construção em todas as suas dimensões.

Com isto, a Filosofia Personalista mounieriana trouxe grandes contribuições acerca da pessoa humana, afirmando a sacralidade da vida sobre todo tipo de poder totalitário e ideológico, possibilitando assim, uma nova visão filosófica e antropológica da pessoa humana.

Embora a filosofia de Emmanuel Mounier tenha sido pouco explorada, ela não se prendeu a sua época, mas ultrapassou as fronteiras do tempo e do espaço e deixou a sua marca e o seu modo de investigar as indagações acerca da pergunta o que é o homem. Permitiu-nos

assim, ter uma visão mais aprofundada da pessoa, nos revelando a grandeza das dimensões da sua formação: vocação, encarnação e comunhão, da sua integralidade de corpo e alma, do seu caráter único e singular e que de modo algum pode ser objetificado ou alienado; um ser livre, capaz de escolher e decidir, de amar e transformar a realidade em que se vive, um ser para o outro e aberto à transcendência.

Em certo sentido, a voz de Mounier ainda ecoa no mundo de hoje, pois ao olharmos para a realidade atual, percebemos que vivemos em uma sociedade na qual se tem enaltecido a técnica, o dinheiro, o poder, o ter, o autoritarismo, o egoísmo, o amor a si e a má compreensão do outro; por esse motivo é perceptível ver o reinado do individualismo, da indiferença, da perda dos valores e, principalmente, da desvalorização da pessoa, que por sua vez, se torna também mercadoria e produto descartável, perdendo toda a sua dignidade enquanto pessoa. A Filosofia Personalista de Emmanuel Mounier nos permite analisar os dias de hoje, os fatos, as situações e colocar lentes que nos possibilitem olhar mais de perto para as diversas realidades existenciais da pessoa humana e assim tentar enxergar e compreender o seu valor absoluto, a sua dignidade, o sentido da sua encarnação e da sua missão neste mundo, como também a sua dimensão de transcendência.

Portanto, antes de o consideramos um grande filósofo contemporâneo, Emmanuel Mounier foi acima de tudo uma pessoa apaixonada pela vida, e principalmente um grande guerreiro dela, preocupado em defendê-la contra todo tipo de inimigo que se opusesse ou que colocasse em risco a sua sacralidade, sendo talvez esse o grande motivo que o levou a ser esse filósofo comprometido em mostrar a cada pessoa que viver é o maior presente que podemos ganhar e que –o ato de amor é a mais forte certeza do homem, o cogito existencial irrefutável, por isso, –amo, logo o ser é, e a vida vale a pena ser vivida. E aqui concluimos com as palavras de Mounier: –Importa, a todo custo, que façamos alguma coisa de nossa vida. Não o que os outros admiram, mas esse impulso que consiste em imprimir-lhe o Infinito. Eu quero acolher e dar, eis tudo (MOUNIER *apud* MOIX, 1968, p. 2). Assim, o personalismo deixa de ser apenas meras ideias e discursos para ser um estilo de vida a ser vivido.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CHAIGNE, Hervé. **Presença de Mounier**. Org. Jean-Marie Domenach. Tradução de Maria Lúcia Moreira. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.
- LORENZON, Alino. **Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1996.
- MOIX, Candide. **O pensamento de Emmanuel Mounier**. Tradução de Freo Marcelo L. Simões O.P. vol. 10. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda., 1968.
- MARITAIN, Jacques. **A pessoa e o bem comum**. Tradução de Vasco Miranda. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1962.
- MARITAIN, Jacques. **Princípios duma política humanista**. Tradução de Antônio Alçada Baptista. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1960.
- MOUNIER, Emmanuel. **Manifesto ao serviço do personalismo**. Tradução de Antônio Ramos Rosa. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1967.
- _____. **O personalismo**. Tradução de João Bérnad da Costa. Lisboa: Livraria Martins Fontes, 1964.
- PAULO, Ricardo Almeida de. **Crise da pessoa e a crise da educação: um estudo na perspectiva personalista de Emmanuel Mounier**. Goiânia - Goiás: Repositório UFG, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1079>> Acesso em: 12 mar. 2018.
- PEIXOTO, J. ADÃO. -Pessoa, existência e fenomenologia: notas sobre as concepções do personalismo de Emmanuel Mounier|. **Revista de Filosofia, Aurora**, Curitiba, v. 22, n. 31, pp. 455-468, jul./dez. 2012.
- PLATÃO. **Fédon. In: Os pensadores**. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- RAMPAZZO, Lino. -O personalismo de Mounier: uma inspiração para a Bioética?|. **Revista de Filosofia, Bioethikos**, São Paulo, pp. 331-441, agosto de 2014.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: de Nietzsche a escola de Frankfurt**. Vol. 6. São Paulo: Paulus, 2003.

RICOEUR, Paul. **A região dos filósofos**. Tradução de Marcelo Perine e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

ROCHA, A. G. Valera. **As noções de pessoa e vida pessoal em Emmanuel Mounier: Fundamentos de sua proposta de sociabilidade e de sua crítica ao processo de despersonalização**. Fortaleza- Ceará: Repositório UFC 2011. Fortaleza - Ceará: Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6532/1/2011-DIS-AGVROCHA.pdf>> Acesso em: 09 ago. 2018.

SEVERINO, A. J. **Pessoa e existência**: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1983.